



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA (PROPESQ) E DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPG-Letras)
CAMPUS DE PORTO NACIONAL**

MARIA DA GLÓRIA CORRÊA DE SÁ

**PRÁTICAS DISCURSIVAS DE SUBJETIVAÇÃO SOBRE ASSIMETRIAS DE
GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES EM A ESCRAVA ISAURA, DE
BERNARDO GUIMARÃES- 1875**

PORTO NACIONAL-TO

2023

MARIA DA GLORIA CORREA DE SA

**Práticas Discursivas de Subjetivação sobre Assimetrias de Gênero e
Interseccionalidades em A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães - 1875**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras como requisito parcial a obtenção do grau de Mestra em Estudos Literários – Literatura, Crítica e Comparatismo. Orientadora: Prof.^a Dra. Rubra Pereira de Araújo.

PORTO NACIONAL-TO
2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C824p Corrêa de Sá, Maria da Glória.
 Práticas discursivas de subjetivação sobre assimetrias de gênero e interseccionalidades em A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães - 1875.. / Maria da Glória Corrêa de Sá. – Porto Nacional, TO, 2023.
 83 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2023.
 Orientadora : Rubra Pereira de Araujo
1. subjetivação. 2. interseccionalidades. 3. assimetrias de gênero. 4. mulheridades. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIA DA GLÓRIA CORRÊA DE SÁ

Práticas Discursivas de Subjetivação sobre Assimetrias de Gênero e Interseccionalidades em A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães - 1875

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Letras: Estudos Literários – Literatura, Crítica e Comparatismo, sob a orientação da Prof.^a Dra. Rubra P. de Araújo.

Data da Aprovação _____ / _____ / _____.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Rubra Pereira de Araújo, Presidenta, PPGL/UFT-

Prof.^a Dr.^a Kenia Costa Gonçalves, Examinadora Externa, PPGCult/ UFNT

Prof.^a Dr.^a Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem, Examinadora Externa, PPGCult/UFNT

Prof.^a Dr.^a Lyanna Costa Carvalho, Examinadora Interna, PPGL/UFT.

*Dedico esta dissertação a minha filha
Mariana e a minha neta Isadora, que são
meu mundo, meu tudo.*

*Companheiras, que sem esse amor
incondicional, tudo seria diferente.*

*Mariana, meu apoio emocional, minha
estrela!*

Isadora, minha incentivadora!

*A vocês, a liberdade de serem o que
quiserem, que eu possa servir de exemplo
e que vocês se façam ouvir.*

Com amor.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** que me deu forças, esperança e coragem para concluir o mestrado. A minha orientadora professora doutora **Rubra Araújo**, mulher trans que com sua coragem orientou uma pessoa cis. Obrigada. Aos meus queridos **Flávio Guimarães** professor, e diretor da Escola Municipal Sobral Pinto/RJ, por suas orientações literárias, e minha irmã **Fatima Tereza** por suas orações e preocupações financeiras. Eternamente grata, sem esse amor e cuidado ficaria mais difícil.

Aos **colegas** do mestrado pela caminhada cheia de carinho e atenção, meu obrigada. A **AndecyWalla Marinho** que fez a revisão linguística por puro amor e caridade. Inesquecível sua empatia e sororidade. Ao inesquecível amigo **Carlos Preciliano** por todo apoio emocional e atenção na caminhada.

A minha amiga/irmã **Ana Maria Guedes Wanderlei**, Secretária Municipal de Políticas para as Mulheres de Igarassu/PE, que me incentivou, me ensinou a olhar para as mulheres com um olhar de sororidade, empatia e respeito, que com seu trabalho de resgate dessas vidas sem pertencimento me levou ao desejo de ser grande como ela.

Aos professores e professoras que caminharam comigo nessa estrada quase solitária com os quais tive a oportunidade de aprender e compartilhar conhecimento, e pelos incentivos. As professoras das Bancas de Qualificação e Defesa, Prof.^a Dr.^a **Kenia Costa Gonçalves**, Examinadora Externa, PPGCult/ UFNT, Prof.^a Dr.^a **Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem**, Examinadora Externa, PPGCult/UFNT e Prof.^a Dr.^a **Lyanna Costa Carvalho**, Examinadora Interna, PPGL/UFT. Meu agradecimento pela disponibilidade e atenção.

Luiz Carlos Prestes, meu mais que psiquiatra, meu incentivador, por me mostrar que por vezes o corpo sofre o que a alma sente, e que para a dor, gotas de amor. Seu carinho, cuidado e amizade contribuíram para minha formação pessoal e para o profissional, e por acreditar que eu seria capaz.

Ao meu querido e inesquecível amigo **William Vieira de Oliveira**, professor de matemática nas escolas Eurídice de Melo e CEM de Taguaralto que não me deixou desistir, que me fez me apaixonar por seu carinho e amizade. E como babalorixá cuidou do meu Ori. Que cuidou de minha família com seus cânticos e sua fé, sem seu apoio não teria sido possível realizar meu sonho. Muito obrigada meu amor.

INTRÓITO MEMORIAL – UM POUQUINHO DA PESQUISADORA

De maria para Maria da Glória

Esta pesquisa foi motivada devido a crença que impõe que não se tem direito de versar sobre o que não se é. A personagem da Obra, apesar de branca, era escrava. Enquanto mestrandando encontro na personagem Isaura algumas das batalhas travadas em minha vida. Ser mulher branca, mãe solo, independente de figura masculina financeiramente dominante, me torna socialmente tão vulnerável quanto a personagem aqui representada, apesar das distintas realidades e necessidades retratadas no romance. Minhas lutas apesar das diferentes listadas nesta pesquisa, no entanto não foram mais fáceis ou menos complexas.

Os caminhos trilhados até o mestrado têm sido de muitas curvas, sinuosidades, turbulências e também de amparos. Nascida no Rio de Janeiro, mas criada em Brasília, para onde fui enviada para trabalhar, um lugar longe de casa, exatos 1.200km de distância.

Vivi bons momentos, participei dos atos culturais da Cidade, conheci muitas pessoas que fizeram parte da vida cultural do país. Vivia como em um transe, uma hora era uma pessoa que achava que tinha tudo, em outros percebia que não tinha nada. Tipo uma vida dupla, fazia parte de grupos que eram da elite de Brasília, mas tinha os amigos invisíveis para a elite, vivia em um metaverso.

Na verdade, nunca pensei que pudesse chegar ao mestrado, nunca nem pensei em passar do ensino médio (antigo segundo grau). Minha vida tinha tudo para dar errado. Tendo mãe ausente, abandono parental, abuso pelo padrasto, e penso até hoje que fui mandada para longe de casa para não ser um entrave na relação entre minha mãe e seu segundo marido. Fazendo então parte de mão de obra infantil, sendo entregue ao trabalho aos quatorze anos de idade. Sem direitos trabalhistas.

Não sabia, mas fazia parte de grupos subalternizados, como entende Spivak (1985), a invisibilidade a que me era imposta deixava evidente que era necessário que eu lutasse e falasse. Amizades destrutivas, falta de incentivo para uma vida de progresso e sucesso. Mas mesmo diante de um quadro desanimador, encontrei pessoas que estenderam suas mãos e disseram: - vem eu vou te ensinar e te ajudar a crescer! Aceitei de imediato. De todas as pessoas que estenderam suas mãos, a

que me agarrou e não soltou, inclusive me ensinando a ser mãe, foi minha saudosa Helga. Obrigada por não desistir de mim.

Voltei a estudar. Assim comecei minha caminhada rumo ao crescimento, pois o trabalho infantil nos impede desse direito, não me afastei dos amigos perigosos, viciados, aprendi com eles a não ser como eles. E continuei com os amigos elitizados.

Sou grata aos meus grupos da adolescência e caminhada. Mais tarde pude ajudar alguns. Perdi para as drogas parte deles e para a prostituição outros. Comecei a sair da invisibilidade aos 19 anos, tive meu primeiro emprego de carteira assinada, cresci na empresa, terminei meu ensino médio e aos vinte e quatro anos minha filha nasceu e eu ganhei uma estrela de Deus, por ela aprendi a andar e a falar.

Essa filha me fez crescer, não conseguia ser mãe e trabalhadora, o que nos fez separar por um período longo, minha pequena foi morar com minha irmã e sua família, no Rio de Janeiro.

Minha família a quem sou grata e devedora, pois minha estrela teve um lar estruturado, foi amada e criada como se fosse filha legítima e não sobrinha. Foi um período intenso, pois trabalhava e me perdia no caminho de ser mãe, culpava-me por uma gravidez não planejada, apesar de já ser independente financeiramente, não conseguia trazer minha filha para mim.

Assim, minha jornada me permite falar das dificuldades dessas mulheres que hoje estudo, das negras que passam por isso, das mulheridades (independente da performance de identidade de gênero) que precisam de mãos estendidas, de entendimento que merecemos ter aquilo que conquistamos, aquilo pelo que lutamos, pelo que queremos, pelo sentimento de pertencimento, que nos arrancam como chibatadas.

Quando Bell Hooks¹ (1981) em seu livro *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*, embasa a opressão das mulheres negras americanas pelo machismo, agredidas, inclusive, mentalmente e espiritualmente, eu apesar de não ser negra, vivi nessa situação. Afinal sou mulher! Hoje minhas lutas são de outra natureza. Minha caminhada me levou até Isaura. Não tenho dúvidas que por muitas vezes, metaforicamente, fui uma escrava de pele branca.

Meu caminho sempre teve muitas pedras para serem retiradas, um passo, duas pedras, uma curva acentuada, e a autoestima ladeira abaixo. Não era mãe, apesar de

¹ Respeitando a intenção política da autora, a própria solicita que seu nome deve ser grafado com iniciais minúsculas.

sustentá-la, não me sentia boa em nada que propunha fazer. Mas era uma excelente profissional, era o que todos diziam: - você pode até não ser uma boa mãe, mas, cara, você é muito boa no que faz como secretária dessa turma na empresa! Vai Glorinha, se contente com o que tem. Não podemos nem ser, e nem ter tudo na vida!

Olha a violência escancarada, e a autoestima descendo a ladeira.

Aprendi que as vezes nosso sucesso não depende só de nossos esforços, depende de quem “manda prender e manda soltar”.

Fui buscar minha filha. Finalmente me tornei mãe. Seria mãe, profissional e o que mais tivesse que ser. Não foi fácil para minha filha deixar a família que a amava, e que ela amava. Muita dor e sofrimento de todos envolvidos. Mariana, esse é o nome da minha filha, um apêndice vivo de mim.

Vieram com essa tomada de decisão todas as dificuldades que nós mulheres passamos. E nisso Isaura me representa. Por vezes, nossos pés estão com os grilhões que nos impedem de sairmos do lugar, da clausura para a luta, então devemos suportar essas amarras visíveis e invisíveis. Aceitei meus cárceres para me fortalecer. Em meio a tudo isso, uma depressão pós-parto tardia. Só queria ser mãe, chorar e morrer. Mas nunca pensei em me matar, só queria morrer.

Quando não via mais condição nem força para tarefa de ser mãe e a profissional esperada, eis que um anjo surge em meu caminho, com as chaves do que me mantêm presa: Helga me resgata de mim mesma, e se propõe a me ensinar a ser mãe e mulher. Sou pura gratidão a essa mulher, mãe, psicóloga e minha estrela guia. Helga também precisou romper as portas das prisões que a tornava escrava de uma vida abastada, casamento do tipo perfeito, tinha filhos, rompeu com tudo. Arranjou um namorado muitíssimo mais novo que ela, se divorciou, colocou os filhos a par de sua nova vida, largou consultório, deixou os filhos morando no palácio que era seu apartamento na melhor quadra de Brasília, construiu uma casa em plena Chapada dos Veadeiros e foi viver com seu querido Álvaro, até os fins de seus dias. Todas as vezes que tenho dúvidas em relação aos meus sentimentos, relacionamentos, e as dúvidas como mãe, a espirituosa Helga intervém metafisicamente. Eu nem preciso chamar, ela não me abandona, minha linda e inesquecível Helga.

Mariana cresceu não nasceu prisioneira, cresceu para ser uma mulher forte, independente, feliz. Está aprendendo junto aos rastros deixados por mim, a caminhar. Eu, finalmente vi minha filha se tornar uma profissional, esposa e mãe. Hoje somos

um trio, eu, Mariana e minha neta Isadora. Que tem um orgulho da vovó Glorinha que “*estuda mestrado na UFT*” (palavras dela).

Minha neta, uma criança que foi planejada, desejada, veio depois de sete anos de casados. Hoje Mariana e Isadora trilham o caminho de família solo, pois Mariana não aceitou as grilhetas a que estava sendo imposta, se separou, e separada trilha o caminho já conhecido, a de mãe solo; vivemos nós três juntas, aprendendo e ensinando uma a outra que o que não nos mata nos fortalece. Isadora que já está tendo consciência do espaço que deve conquistar, do direito ao pertencimento de si, e as ferramentas que precisa usar. Como ela mesma diz, somos as incríveis!

Não permito mais ser violentada, nem física, nem emocionalmente. Hoje por conta dessas violências sofridas e impostas, sofro de transtorno bipolar e depressão diagnosticados tardiamente, (o que só me fez sofrer ainda mais, com os danos causados), não aceito mais cadeias. Não me venham com verdades absolutas!

Vamos virar a página, e direi como cheguei em Tocantins. Terra que me recebeu de braços abertos, que me deu uma outra perspectiva de minha realidade. Cheguei com uma grande empresa, sendo secretária do diretor dessa. Estranhei o clima, o jeito das pessoas, de verdade, em alguns momentos pensei em retornar para Brasília, onde fui criada, tive e criei minha filha. Morei por um tempo em Miracema pois o escritório era lá, depois viemos para Palmas, aonde estou até hoje.

Percebi que no Estado havia uma carência de mão-de-obra qualificada, resolvi ficar e tentar me inserir no mercado de trabalho da região. Conheci muitas pessoas, mas dado ao transtorno emocional que sofro, sou uma pessoa retraída, gosto de ficar sozinha, resultado das agressões emocionais citadas acima, não consigo fazer parte de grandes grupos, prefiro a reclusão, então os poucos que fazem parte de minhas relações, são amigos de coração e de gratidão.

O mestrado é uma outra estrada, com correntes. Os desafios da escrita e da leitura, me levam a grandes angustias. Mas a diferença é que tenho uma das chaves dessas dominações. Pois na pesquisa, a escrita precisa se alinhar com a orientação, estar de mãos dadas com a orientadora, Rubra. Essa será assim como Helga, uma mulher que estará comigo até além da eternidade. E quando vejo a outra chave balançando na minha frente, e essa mão que segura a outra chave é uma mão enérgica, de luta, mão empática, da orientação, e que me faz acreditar que serei vencedora, preciso dessa outra chave.

Meu sonho era ser professora universitária. Graduada em Turismo, sem perspectiva de trabalhar na minha área de formação, busquei fazer algumas disciplinas especiais na Universidade Federal de Tocantins em Palmas. Cursei várias disciplinas, mas tinha dificuldades em ter um (a) orientadora que me orientasse num tema difícil, pois se tratava de um assunto que é muito delicado e necessitava de muita boa vontade de partes envolvidas.

Queria estudar sobre o que leva uma pessoa a ser arrependido da transgenitalização, e porque tantos se suicidam. Mais um grupo de invisíveis. Assunto que ainda vou levar adiante. E no decorrer de algumas disciplinas, eis que aparece uma pessoa genial, meu amigo William. Professor, homossexual, babalorixá e amigo.

William é um cara despojado, ia para as aulas como se estivesse tomando café em casa, de chinelos havaianas, shorts largos, camisetas com marcas de propaganda, e nem aí. Achava aquilo engraçado, falava com minha filha sobre essa figura em sala de aula. Riamos desse despojamento. William é uma daquelas pessoas que temos de ter ao nosso lado, amoroso, gosta de gostar, meu irmão camarada, fiz amigos nesse mestrado, mas não irei nominá-los, seria injusto com a turma.

E porque uma mudança tão radical de tema? William me conduziu e me mostrou que não precisava sofrer pelo que não era possível naquele momento. Como disse acima, as vezes precisamos permanecer num lugar para chegar aonde queremos. Entendam que devido ao problema emocional que adquiri, muitas vezes não consigo enxergar e sair do lugar para chegar aonde quero, e daí os amigos e as tarjas pretas me recolocam no caminho, é o caso do amigo, a ele também sou grata, eternamente. Precisava de um personagem, uma história, qualquer assunto que me levasse ao mestrado. Frustrada por não conseguir fazer o que queria, e sob a observação de William, busquei na literatura um personagem que me identificasse, e que eu pudesse representar.

Tinha tantas personagens, obras, autores, mas tinha pouco tempo para desenhar um projeto para a seleção do mestrado. Conversando com meu cunhado Flávio, que é professor no Rio de Janeiro, ele sugeriu A hora da estrela, de Clarice Lispector (1920-1977). Rapidamente fui ler. Detestei Macabéa. Personagem que para meu pouco entendimento tinha pouca vontade na luta pela vida. Não vi nada de mim em Macabéa. Desisti dela.

De volta ao cunhado, ele então fez outras várias sugestões, entre elas Isaura.

Corri para um sebo e comprei a obra impressa. Li, lembrei de algumas partes, pois já havia lido, e assistido a novela. Fiquei com Isaura. Personagem que consegue me fazer entender que a interseccionalidade é uma linha tênue com a subjetividade, e essa eu nunca havia dado importância, uma vez que eu não me pertencia. Isaura por vezes me faz perceber que a assimetria de gênero é muito atual, apesar de ser ela uma personagem do século XIX, e essa assimetria é uma realidade em minha vida, e na vida de muitas mulheres na atualidade.

E de novo aparece uma pessoa no meu caminho. A professora Rubra. Rubra sem nem mesmo saber quem eu era, aceitou me orientar. Só fui ver a professora Rubra no dia da entrevista. Meses se passaram para nossa apresentação pessoal. Sem ela, nada disso que estou realizando seria possível.

E quem é essa persona Rubra para mim? Rubra não arrebitou algemas, pegou o chicote e picotou. Mulher trans, doutora, professora e com uma história de vida que lhe permite ser quem ela é, ou quiser. Obrigada Rubra, por também não desistir de mim nessa caminhada rumo ao meu tão desejado título acadêmico.

E nesse caminhar, com muita dificuldade, mas com enorme felicidade estou costurando, alinhavando o meu sonho, meu doce sonho de vir a ser Mestre, de ser professora.

Amparada pelo amor incondicional de minha filha, que aceitou me sustentar, para que eu pudesse estudar, e até mesmo ela desempregada, situação que passamos sem pensar em desistir, ela não me desamparou. A generosidade de minha irmã Fátima e seu marido Flávio, me enviando livros e materiais diversos, vou tecendo essa colcha de retalhos, com a permissão de Deus.

Metade de minha família é negra, e ainda que eu não seja negra, eu faço parte do grupo de mulheres que lutam sozinhas, que por razões diversas são amordaçadas, são invisíveis, assassinadas em nome do amor, desamparadas pelo preconceito da cor, da raça e de gênero.

RESUMO

A pesquisa em tela aborda a discrepância de gênero nas relações interpessoais, envolvendo as práticas discursivas de subjetivação quanto a participação efetiva e inclusão do gênero feminino nas camadas socioculturais, principalmente no tocante à mulher ou performatividades femininas. A análise se dá a partir do discurso literário estabelecido quanto à construção performativa da personagem feminina no romance *A Escrava Isaura*, do escritor Bernardo Guimarães, publicado, originalmente em 1875. Trata-se de uma pesquisa qualitativa levando em consideração o pensamento feminista de emancipação da mulher, vista sob o prisma de objetificação do corpo, desejos e capacidade de intervenção no meio em que vive. Neste sentido, esta investigação analisa sob o discurso literário a reprodução de assimetrias nestas construções suscitadas pelo romance em questão. Esse estudo se mostra relevante a partir do momento em que as mulheres vivem ainda hoje uma relação de subordinação e que, diferentemente da escravidão como modelo de exploração, as questões femininas não podem ser concebidas com um olhar inseparável dos aspectos interseccionais como classe, etnia, gênero, entre outros marcadores sociais. As práticas discursivas de subjetivação evidenciam as relações de poder no contexto de reproduções das injustiças sociais advindas de uma visão patriarcal e misógina tornando-se algo complexo em relação às assimetrias de gênero e interseccionalidades subjacentes. O aporte teórico se dá baseado em pesquisas no âmbito dos estudos pós estruturalistas das relações de gênero e interseccionalidades sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, além de outros autores ou autoras de relevância para a pesquisa empreendida. A leitura/releitura de autoras e autores feministas com engajamento sociocultural contemporâneo compõem a análise discursiva a respeito da temática que visa contribuir para uma reflexão sobre relações assimétricas de gênero e suas interseccionalidades no contexto atual.

Palavras-chave: Assimetrias de Gênero. Interseccionalidades. Práticas discursivas de (não) subjetivação. Pensamento Feminista.

ABSTRACT

The research addresses the gender discrepancy in sociocultural relations, involving the discursive practices of subjectivation regarding the effective participation and inclusion of the female gender in sociocultural layers, especially with regard to women. The analysis takes place from the established literary discourse regarding the performative construction of the female character in the novel *A Escrava Isaura*, by the writer Bernardo Guimarães, published in 2010. It is a qualitative research taking into account the feminist thought of women's emancipation, seen under the prism of objectification of the body, desires and ability to intervene in the environment in which they live. In this sense, this research analyzes under the literary discourse the reproduction of asymmetries in these constructions raised by the novel in question. This study is relevant from the moment that women still live in a relationship of subordination and that, unlike slavery as a model of exploitation, women's issues cannot be conceived with an inseparable look at the intersectional aspects of class, ethnicity and gender. The discursive practices of subjectivation show power relations in the context of reproductions of social injustices arising from a patriarchal and misogynistic vision, becoming something complex in relation to gender asymmetries and underlying intersectionalities. The theoretical contribution is based on research within the scope of post-structuralist studies of gender relations and intersectionalities on the role of women in contemporary society, in addition to other authors of relevance to the research undertaken. The reading/ rereading of feminist authors with contemporary sociocultural engagement make up the discursive analysis regarding the theme that aims to contribute to a reflection on asymmetrical gender relations and their intersectionality in the current context.

Keywords: Gender Asymmetries. Intersectionalities. Discursive practices of (non) subjectivation. Feminist Thought.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: Une dame Brésiliense das son interieur. Lê dinner. Jean Baptista Debret (litografia de 1834-39)	35
Figura 2: Desigualdade de gênero	38
Figura 3: Visita a uma fazenda	40
Figura 4: A imagem idealizada da mulher no século XIX	53
Figura 5: Mulheres negras - Atlas da Violência	62
Figura 6: Desigualdade Racial	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ALGUNS APONTAMENTOS.....	22
2.1 Aportes Metodológicos.....	26
3 A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA COMO FORMA DE REFLETIR SOBRE EQUALIZAÇÃO DE GÊNERO E RAÇA NOS DIAS ATUAIS	32
3.1 Intersecções de Gênero e Raça na Representação Literária da Personagem Isaura.....	41
3.2 A Obra: A Escrava Isaura e Reflexões sobre Assimetrias de Gênero na Sociedade Contemporânea	47
4 LIBERDADE CONDICIONAL DA MULHER – UM PARALELO ENTRE ISAURA EAS CONQUISTAS/DESAFIOS DO FEMINISMO INTERSECCIONADO.....	58
4.1 Interseccionalidades do Feminismo com Outras Expressões de Mulheridades	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS.....	79

1 INTRODUÇÃO

(...) *Eu me lembro da senzala
 e tu te lembrás da Casa-Grande
 e vamos juntos escrever sinceramente outra história
 Digo, repito e não minto:
 Vamos passar essa verdade a limpo
 porque não é dançando samba
 que eu te redimo ou te acredito:
 Vê se te afasta, não invista, não insista!
 Meu nojo!
 Meu engodo cultural!
 Minha lavagem de lata!
 Porque deixar de ser racista, meu amor,
 não é comer uma mulata*

(Excertos do poema Mulata-Exportação, de Elisa Lucinda, 2011).

No poema em epígrafe, de autoria da escritora, cantora e atriz Elisa Lucinda (1958), lemos a prática discursiva de um eu-lírico feminino empoderado que reivindica sua subjetivação e em sua performance (d)enuncia a condição da mulher negra, pejorativamente denominada de “mulata” pelo imaginário sociocultural misógino, patriarcal e machista. Esse espaço de fragilidade e submissão feminina é demonstrado claramente no romance, *corpus* desta pesquisa, em que as senhoras viviam em função de seus maridos, filhos e da casa. Os senhores feudais, em suas posses detinham mulheres e homens negros como escravos para os trabalhos mais degradantes e também as escravas como posse para o sexo, a fim de saciar a libido opressora. Esta subserviência sexual da mulher negra remete à mulher racializada, vista sob o prisma de posse do seu senhor, resquícios nítidos de uma escravidão que subalternizou e ainda inferioriza corpos e desejos.

Nesta pesquisa tem-se como aspiração trazer um estudo das desconformidades entre as relações socioculturais que marcam nossa sociedade nos aspectos relacionados às relações de gênero e suas interseccionalidades.

Pretende-se construir uma comunicação com determinada época, a do século XX, com ligações e simbologias a que as práticas discursivas de subjetivação remetem, permitindo, por meio de semelhanças, reagrupar e organizar acontecimentos da vida da personagem Isaura. A protagonista da obra de Bernardo

Guimarães não se permite estabelecer ligações e relações de pertencimento, o que, como dito no memorial acima, pouco mudou e ainda é sentido nos dias de hoje, quando as mulheres, ainda não são soberanas de uma consciência coletiva e individual.

O estudo insere-se num cenário de crítica epistemológica desse lugar social almejado e defendido pelas mulheres, estando seu lugar social e político no foco de pesquisa. O estudo é amparado na análise literária e em um referencial teórico que assim questiona:

[...] (as hierarquia, dominância, escalonamento, determinação unívoca, causalidade circular) pode ser descrito entre uma e outra? Que séries de séries podem ser estabelecidas? E em que quadro, de cronologia ampla, podem ser determinadas sequências distintas de acontecimentos? É ponto de partida e referência metodológica para a problematização do processo de análise discursiva, o que permite a saída do nível estritamente linguístico de análise e a consideração das condições históricas de possibilidade das formações discursivas, pensadas enquanto “práticas discursivas (FOCAULT, 2008, p.24-29).

A realidade demonstrada do contingente da mulher brasileira, uma realidade marcada pelo racismo, é uma mácula que atinge principalmente um número de mulheres, e que será estudado através da personagem Isaura, na obra *A Escrava Isaura*, de autoria do escritor Bernardo Guimarães, sendo a protagonista o foco das análises é o foco dessa pesquisa. Vale ressaltar que a personagem foi uma construção ficcional por uma autoria masculina, branca e letrada e com teores abolicionistas. A obra foi publicada, originalmente, no ano de 1875², 13 anos antes da abolição da escravatura no país.

A repercussão da obra publicada, originalmente, impressa em folhetins nos finais do século XIX, posteriormente, se deu na adaptação do romance em telenovela pela emissora Rede Globo, com início de exibição em 1976 e término no ano seguinte com a criação/adaptação de Gilberto Braga e direção de Herval Rossano. Tempos depois, foi produzida e exibida pela Record TV entre 18 de outubro de 2004 a 29 de abril de 2005 em 167 capítulos.

A escolha da obra de Bernardo Guimarães (2010) perpassa pelo interesse de pesquisa de se refletir sobre o papel da mulher do contexto na história em contraponto

² Doravante, será marcado o ano de publicação de 2010, devido ser a edição em que se realizou a leitura e consulta.

com o momento atual, também buscando compreendendo os vieses para a leitura sobre a questão da mulher na contextualização do século XX.

No capítulo nomeado “A representação literária como forma de refletir a equalização de gênero e raça nos dias atuais” traz a literatura como linguagem, representação ficcional da realidade, discutindo-a como um corpo de sentimentos e como essa mistura nos faz humanos, a questão da exclusão das mulheres nas várias áreas sociais.

No capítulo denominado “Liberdade condicional da mulher – um paralelo entre Isaura e as conquistas/ desafios do feminismo interseccionado”, demonstra-se o conteúdo da pesquisa através dos diversos autores e a personagem da obra, fundamentando o estudo e apresentando as diversas possibilidades de compreender a problemática vivida pelo gênero feminino na sociedade.

No romance, Isaura é uma jovem que, apesar da pele branca, é criada como dama da corte, entretanto, devido a condição de sua progenitora, ela era nada mais que uma escrava. Mas essa mulher de tez clara, descendente de escravos, e por vezes ela pensava que sofria ainda mais pois não era nem branca, nem preta! Não conheceu sua mãe Juliana; era filha de Miguel, que era português e trabalhador na fazenda em Campo de Goytacazes onde se passa o romance, no interior do Rio de Janeiro. O romance é situado na época do reinado de D. Pedro II, no final do século XIX do Brasil Império. Do ponto de vista da historiografia literária, o romance é produto de uma estética literária denominada Romantismo, de um caráter profundamente idealista:

[...] ora, como o texto é ficcional, automaticamente invoca a convenção de um contrato entre autor e leitor, indicador de que o mundo textual há de ser concebido, não como realidade, mas como se fosse realidade. (ISER. 1979, p.107).

A proximidade entre História e Literatura permite uma imaginação narrativa do passado, quando este se transforma em história. Cosson (2014, p.31), a respeito da ficção como representação do real, afirma que o “[...]nosso corpo linguagem é feito das palavras com [...], quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo.”

Ainda segundo Cosson (2014), a escrita ocupa um lugar central em nossa sociedade. Mesmo quanto às modalidades orais e imagéticas, como no computador,

um lugar cheio de imagens, a emergência do digital não dispensa as instruções que vêm escritas. O trabalho busca demonstrar que a prática de literatura, seja por meio da leitura, ou da escrita, organiza nossa sociedade e nos liberta dos limites que são impostos pelo tempo e também pelo espaço.

Os processos formativos que nos levam à experiência literária não só nos proporcionam encontrarmos ao que pertencemos, mas nos incentiva a nos articularmos e expressarmos no mundo nosso pertencimento.

Atualmente, a presença da mulher já é marcante em vários níveis dos extratos sociais, mas ainda falta muito para tirar da invisibilidade a metade da população brasileira. Para nós, a resistência, seja individual ou coletiva, se faz refletir sobre um estigma que ainda traz formas de violência social, de assimetrias de gênero e interseccionalidade.

No curso das pesquisas, quanto à distinção sobre os caminhos que a mulher percorre, fica evidente que há de se buscar na história e no discurso das tessituras literárias as formas que encontramos para resistir ao que nos causa até hoje essa violência, o patriarcalismo, o machismo e outras violências que ferem e comprometem nossas subjetividades.

Considerando que no final do século XVIII e início do século XIX a mulher ainda era considerada como um apêndice do marido (fruto do imaginário arquetípico cristão na narrativa ficcional bíblica). A mulher oitocentista em comparação a uma sociedade de estruturas patriarcais que a detinha de revelar-se como pessoa com livre arbítrio, Isaura era esse ser sem reconhecimento juridicamente autônomo, essas mulheres oitocentistas começaram a ter as vidas transformadas no final do século XIX, podendo participar da vida pública, e passaram a ter direito ao exercício da cidadania e aos multiletramentos, nos dizeres dos aportes teóricos que validam o uso efetivo da leitura e escrita.

E na contemporaneidade as transformações políticas ao longo dos séculos, se foi construindo a questão de gênero, permitindo um reordenamento nas classes sociais. Neste, o feminismo intelectual e político, mesmo não sendo único, seus temas variados nos mostra as transformações que se distingue do gênero masculino, solapando direitos que se lutam, se conquistam, e os ainda não conquistados, e na realidade, a disparidade e a interseccionalidade atinge um número expressivo de mulheres, e na atualidade, também a de mulheridades, como é o caso de

performances de identidades de gênero dissidentes da cisgeneridade, como é o caso das travestis e mulheres transexuais.

Diante desses pressupostos introdutórios, as indagações dessa pesquisa são: Por que encontramos tão poucas mulheres nos espaços de poder? O gênero feminino tem em seus círculos socioculturais, e em seu ambiente profissional o mesmo reconhecimento dado aos homens?

No texto literário há uma inspiração que buscamos que é trazer/demonstrar em Isaura a condição de coadjuvantes que vivemos em boa parte da história.

Para tratar das subjetivações, interseccionalidades e das assimetrias de gênero a partir do século XIX, é importante compreender que as mulheres sempre tiveram seus direitos subjugados, tanto que as escolas do Brasil Colônia que foram constituídas, inicialmente, pela ordem dos padres jesuítas eram voltadas para o público masculino, visando à formação de uma elite colonial culta, religiosa e masculina.

As mulheres oitocentistas brancas e ricas tinham mais acesso à leitura e escrita que as de outras raças, apesar de que essas mesmas mulheres viviam na condição como coadjuvantes. Tanto as negras, as brancas pobres, como as negras escravas e as indígenas não tinham acesso à leitura e à escrita. No contexto do mundo organizacional e social pretende-se utilizar nesta pesquisa métodos bibliográficos e teóricos que dialogam com a temática da pesquisa em tela.

Nas páginas adiante apresentam-se uma leitura e questionamentos a respeito das interseccionalidades de classe, raça, sexo e gênero que perpassam na construção ficcional da personagem Isaura, a qual ainda dialoga muito com a real condição de muitas mulheres e seus itinerários biográficos.

Nesta pesquisa espera-se contribuir para o incremento das possíveis reflexões a respeito da necessidade de transformações socioculturais, imprescindível para a mudança dessa realidade atual. É importante buscar compreender os mecanismos e as ferramentas disponíveis com a aplicação de políticas públicas que fortaleçam os direitos humanos e fundamentais das mulheres e sua interseccionalidade do marcador de raça. Pretende-se demonstrar a disparidade social causada pela assimetria entre gêneros, e a necessidade de discorrer sobre as dificuldades vividas pelas mulheres, no mundo corporativo, e social, advindo de um modelo patriarcal, racista, misógino e machista.

“Ah! Irmãs, se nos rimos!
E hoje (como tantas vezes)
Vos confesso a minha perplexidade
perante o mundo, o meu medo,
a minha raiva, a minha voracidade
de tudo. O meu amor nunca cansado
mas inútil.
Desacerto das coisas e nas pessoas...
E em boa verdade vos digo:
Que continuamos sós, mas menos
desamparadas”. (OLIVEIRA, 1999, p.51).

E, assim, com menos desamparo, com mais amor, e na convicção de momentos melhores, busca-se quebrar paradigmas para evitar essa separação ancestral entre homens e mulheres.

Sendo assim, esta pesquisa visa resgatar esse grupo invisível de mulheres e que precisam se libertar dos grilhões a que as interseccionalidades as mantêm atadas. Essa construção é de todas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ALGUNS APONTAMENTOS

Encontrei minhas origens

Em velhos arquivos

Livros

Encontrei

Em malditos objetos

Troncos e grilhetas

Encontrei minhas origens

No leste

No mar imundos tumbeiros

Encontrei

Em doces palavras

Cantos

Em furiosos tambores

Ritos

Encontrei minhas origens

Na cor de minha pele

Nos lanhos de minha alma

Em mim

Em minha gente escura

Em meus heróis altivos

Encontrei

Encontrei-as enfim

Me encontrei

(poema: Encontrei minhas origens, de Oliveira Silveira).

Vários ou várias seriam os teóricos que pesquisados fariam parte da construção desse texto que se deu de forma individual e coletiva, com leituras e revisões apontadas pela orientação e arguição de banca de qualificação e defesa. No entanto, serão enfatizados autores que para esta obra, trazem em suas causas vozes mais atuais e atuantes, mais concretudes nos relatos e estudos dos movimentos que percorrem o universo feminino. Para entendimento, todos os escritores citados estão nas referências com informações completas das publicações.

Como voz do feminismo negro, a escritora Bell Hooks (2015) em *Mulheres negras: moldando a teoria feminina* traz uma assimetria entre mulheres negras e brancas, mas também demonstrando que nos grupos hegemônicos já há essa distinção, pois quando da formação do movimento feminista, as mulheres brancas tinham demandas diferentes das negras, e surpreendentemente existiam diferenças nessas demandas entre as brancas ricas e pobres e sem estudos.

Kimberlé Willian Crenshaw (2002, 2017) nos livros *Estudos Feministas* (2002) e *Mapeando as margens* (2017) vem tratando das interseccionalidades, demonstra que ainda que esse conceito não estivesse no romance, esse já era uma realidade vivida entre as mulheres brancas e negras e escravas, derivando as relações sociais do século XIX, ambientado do romance.

Fernandes (2019) em *A história da educação feminina*, demonstra a situação inferiorizada da mulher e como em Guimarães, na atualidade se demonstra a necessidade de mudança dos paradigmas tanto cultural quanto histórico.

Munanga et Gomes (2006) em *Para entender o Negro no Brasil de Hoje: Histórias, Realidades, problemas e Caminhos* detalha os negros que sujeitadas ao comércio, enriquece a burguesia da época, e infelizmente ainda hoje.

Vemos em Woodward et Hall (2009) em *Identidade e Diferença* que o racismo, o sexismo e as inseparáveis estruturas patriarcais, tendem a discriminar grupos de diferentes formas.

Para Davis Angela, (2018) em *A Liberdade é uma luta constante e a violência contra a mulher*, aos sexismo está relacionada a violência do Estado. Ela demonstra assim como Hooks Bell, a desromantização do feminismo negro.

Evaristo Conceição (2014, 2015) em *Olhos d'água* (2014) e *Em a gente combinamos de não morrer* (2015), representa sob certos aspectos essa ancestralidade, e que se torna atual. Seus contos combinados, trazidos por sua própria história, permite compreender a linha tênue entre as interseccionalidades de hoje e de ontem.

Procuramos junto aos autores e autoras elencadas e aos demais referenciados, como será demonstrada no decorrer da pesquisa que a subjetivação e as práticas discursivas perpassam pelo estudo de gênero e relacionando com o exposto no introito desta dissertação a respeito da caminhada de vida da autora e aprendizado não pode se desvincular das narrativas e das interseccionalidades que irrompem nas vidas das mulheres da atualidade, das escravizadas que pela relação com a

protagonista, tendo a pele branca, sendo miscigenada, vive a prática da subjetivação e do não direito ao pertencimento.

Um passo importante da pesquisa foi a escolha da Obra. Esta tem o Brasil escravocrata como cenário do século XIX, fora escrita por Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, no ano de 1875. A relação dos senhores e seus escravos é claramente descrita nesse romance, demonstrando como os escravos e as mulheres sofriam, e por esses, o quanto a liberdade era desejada.

Nessa realidade escravagista, nasce Isaura, filha de escrava negra e pai feitor, branco. A protagonista miscigenada não tinha sua liberdade, ainda que tenha a pele branca, e seja educada, não passava de uma mulher escravizada. E a própria não tinha dúvidas de sua condição. Isaura, branca, educada, mantida em cativeiro no século XIX. Essa situação poderia ser retratada hoje, em pleno século XXI. E em direção a esta, Isaura se retrata atual, se encaixa na interseccionalidade e assimetria que o tema dessa pesquisa aborda.

A emergente necessidade das discussões de subjetivação abarca na atualidade junto as pautas interseccionais do debate dentro do contexto cultural, pois há de se dar nas academias, e no contexto social através das diversas vozes que levem essas práticas para o ambiente cultural, e para tal se começa pelos autores que fundamentam esse estudo, fazendo leituras e releituras dos diversos autores (as) que acrescentam perspectivas na abordagem do romance.

Cosson (2014, p.11) em *Letramento Literário: Teoria e Prática* afirma que “Não surpreende, portanto, que tomem a poesia como um amontoado de palavras difíceis e tenham dificuldade em distinguir a ficção de outros discursos de realidade.”

Nesta trata-se de um fenômeno social a época aceitável, sendo o racismo uma questão complexa, tanto que o autor usa uma protagonista branca para falar e discutir a escravidão.

O conceito de interseccionalidade é usada para entender e pensar a particularidade estrutural do racismo, do capitalismo, e as ações decorrentes do patriarcado e que, conectadas colocam as mulheres e mulheres negras mais evidenciadas e vulneráveis à movimentação destas estruturas.

A abordagem acima citada, traz a imagem desses na sociedade brasileira na metade do século XIX que ilegítimada por grupos hegemônicos portugueses e também por brancos brasileiros defendiam a escravidão. Essa interpelação nos leva

a Munanga et Gomes (2006), trazendo a história de vidas negras sujeitas ao comércio, como mão de obra que enriquece a burguesia da época, e infelizmente ainda hoje.

Temos com Woodward et Hall (2009) que o racismo, o sexismo e as inseparáveis estruturas patriarcais, tendem a discriminar grupos de diferentes formas. Assim a interseccionalidade exclui esses indivíduos.

Agambem (2009) em *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*, permite uma brecha para a reflexão contemporânea com a disparidade social causada pela interseccionalidade que se faz presente na Obra.

Nesse sentido é uma narrativa que relata sobre a escravidão, o racismo, a fragilidade feminina, e demonstra um tratamento desumano tanto para mulheres como para os homens. O olhar de nossas análises nesta pesquisa se volta para a personagem do Romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães -2010. De nada lhe servia toda a distinção, sua cor. Se ela era vítima do racismo, pois era discriminada e reconhecia sua condição como escrava. No capítulo XIV apesar de Isaura receber elogios por sua beleza, os mesmos são sentidos por ela como:

[...]um hino do céu ouvido entre torturas do inferno. Via de um lado um anjo, que tomando-a pela mão com um suave sorriso, mostrava-lhe um éden de delicias, ao qual se[...], enquanto do outro lado a hedionda figura de um demônio atava-lhe ao pé um pesado grilhão, e com todo o seu peso a arrastava para um gólfão de eternos sofrimentos.” (GUIMARÃES, 2010, p.96)

Do trecho citado acima se espera que do pensamento da protagonista, se passe um diálogo em que a diferença não seja predominantemente do masculino para o feminino, mas que se mova para uma mudança que civiliza, que se possa falar de igualdade.

Sobre conformidades e igualdades, constata:

[...]que configuração de poder constrói o sujeito e o Outro, essa relação binária entre “homens” e “mulheres”, e a estabilidade interna desses termos? Que restrição estaria operando aqui? Seriam esses termos não-problemáticos apenas na medida em que se conformam a uma matriz heterossexual para a conceituação do gênero e do desejo? BUTLER (2003, p.8).

Judith Butler (2003) em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, empreende uma desconstrução do sujeito, o caracteriza como quer e o liga aos movimentos políticos que, no final da década de 1980, principalmente nos Estados Unidos, os movimentos trabalharam para a ressignificação desse termo.

[...]os teóricos desse campo constituem um agrupamento diverso e divergente em muitos pontos importantes, porém, com alguns compromissos amplos, tais como a fundamentação teórica no pensamento pós-estruturalista francês e o uso da desconstrução como método de crítica literária e intervenção social. LOURO (2004, p. 28).

O emergente debate sobre essas constituições questiona as várias formas de interseccionalidades num mundo globalizado, podendo dizer que a questão das assimetrias, interseccionalidades e a diversidade sempre foram temas de atualidade, portanto essas questões já propagavam com algumas organizações para reivindicações onde as mulheres brancas e negras se dispunham com algum alinhamento por suas pretensões, e nessas coletividades já era claro que identidades de classe, raça e gênero geram a prevalência no status social, sobre essas mulheres.

Os estudos que demonstram as assimetrias e interseccionalidades no romance, levaram ao debruçar-se nas leituras dos escritores feministas e não feministas que permitem análises que fundamentam a vida e sobrevivência da protagonista Isaura, buscando uma relação com as vidas de mulheres negras ou racializadas na atualidade.

Reitera-se a partir das linhas abaixo que se tenha um posicionamento crítico com as práticas discursivas e de (não) subjetivação que se produza pensamentos e posicionamentos para que a coletividade seja vivida em conformidade e com igualdade e/ou equidade.

2.1 Aportes Metodológicos

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (Carolina Maria de Jesus em Quarto de despejo, 1960)

As leituras dos materiais bibliográficos resultam na demonstração teórica dissertada nas divisões que seguem. Trata-se de um estudo de cunho teórico e

abordagem qualitativa, consistindo numa análise crítica com aportes no feminismo, devendo levantar e discutir a interseccionalidade de raça, as assimetrias de gênero.

Surge, portanto, a necessidade de um posicionamento crítico mediante os discursos veiculados individual, social e institucionalmente para verificar até que ponto eles se encontram a serviço da manutenção de determinados preconceitos e ideologias preestabelecidas. (ARAÚJO, 2011, p.16).

O corpus da pesquisa fora escolhido pela identificação da escrava branca com a realidade das mulheres que ainda vivem a realidade das interseccionalidades, e a relevância dos estudos das assimetrias dessa experiência para estudos futuros. Conforme descreve Woodward (2009, p.96), “a identidade não é fixa, estável, tampouco é homogênea, definitiva, transcendental.”

A pesquisa qualitativa não está preocupada em quantificar os fatos e os fenômenos, porém explica os meios das relações sociais, levando em conta que a ação depende justamente dos significados que são atribuídos pelos atores sociais.

Conforme apontam Cavalcanti e Moita Lopes (1991) como peculiaridade da pesquisa qualitativa, que seja uma pesquisa eminentemente exploratória; não se exija hipóteses antecipadas, e nem categorias rígidas de análise; permitir ao pesquisador tomar decisões ao longo do estudo, e preocupar-se com o particular.

Ao centrar-se na personagem Isaura, este estudo intenciona trazer à discussão como a linguagem procura destacar e avaliar em seu enredo sobre a falta de transparência na apresentação desse universo cultural e no discurso literário.

[...] a linguagem humana não possui pluralidade de competências, porém a linguagem literária, que é a representação da vida, possui pluralidade de competências, entre elas a polifonia, a polissemia e o dialogismo. Bakhtin chamou de polifonia a pluralidade de vozes e de visões manifestadas numa narrativa, sem que nenhuma delas se torne objeto, principalmente no sentido em que este termo é usado na psicologia e na sociologia, mas todas elas desfrutando da condição de sujeito, capazes, portanto, de dialogarem entre si e de se responderem mutuamente. A polifonia bakhtiana pode ser considerada uma faceta do dialogismo, pois uma multiplicidade de ideias acaba se submetendo a uma confrontação e a posterior interiorização de cada uma delas[...]. (BAKHTIN *Apud* FONSECA, 2006, p.20).

Essas referências contribuem para referendar a arte literária como importante enunciado para a leitura dos tempos e das sociedades, dentre outros.

A metodologia de trabalho foi pensada a partir da perspectiva de pesquisa qualitativa, e trata de estudo de natureza teórico com abordagem qualitativa com

embasamento no feminismo. Tendo os estudos das crenças, símbolos e valores assentada nas reflexões em que se busca demonstrar as formas mais complexas de se pesquisar a respeito de um tema do grupo social na obra.

[...]a hipótese é de que uma análise para ser fidedigna precisa conter os termos estruturantes da investigação qualitativa que são os verbos: compreender e interpretar; e os substantivos: experiência, vivência, senso comum e ação social. (MINAYO, 2012, p.621).

O estudo insere-se na problematização desse lugar social almejado e trabalhado pelas mulheres, estando o lugar social e político nesse modo de pesquisa.

O principal desafio situa-se na compreensão da metodologia como relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito como um vínculo indissociável do mundo objetivo com a subjetividade, que não pode ser traduzida em números, e ainda segundo Minayo (2012.b), “a condição de pesquisa deve ter um critério de realidade e de objetivação, sendo assim essencialmente qualitativo.”

Pegando como ponto de partida é que na pesquisa qualitativa não existe divisão, os detalhes são importantes para a pesquisa qualitativa.

Afirma ainda Cosson (2014, p.41) em seu Letramento Literário: teoria e prática, “existem três modos de compreender a leitura e devem ser pensados como um processo linear. A Antecipação, a decifração e a interpretação”. Continua Cosson,

[...]antecipação consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de penetrar no texto; decifração entra-se no texto através das letras e das palavras, e interpretação que ele restringe seu sentido às relações estabelecidas pelo leitor quando processa o texto.” (COSSON, 2014, p.40).

Em Minayo (2012, p.323) diz que a “pesquisa qualitativa responde a questões particulares, evidencia um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.”

A classificação quanto explicativa ao esclarecer e defender os fatores que por sua vez corroboram para ocorrência dos fatos. Considera-se ser este o tipo de pesquisa que explica a razão, o porquê dos fenômenos, uma vez que aprofunda o conhecimento de uma dada realidade.

Já como afirma Vergara (2015, p.45), “o leitor deve ser informado sobre o tipo de pesquisa que será realizada, sua conceituação e justificativa à luz da investigação específica.”

Nesta pretende-se uma reflexão no que diz respeito de uma sociedade detentora do poder no século XIX, e da situação da mulher negra e da mulher branca nesse século.

A história dos livros está muito ligada à história da política, dos movimentos políticos e das pessoas que fizeram parte desse sistema", analisa.

"Isso não significa de maneira alguma que as mulheres não estivessem naquele espaço, mas sim que foram esquecidas porque não tiveram atuação política significativa, ou seja, não tiveram participação naquilo que se passou a considerar 'história de verdade'. Maíra Rosin.

Tradicionalmente a história é descrita em sua maioria por homens. E esses são heróis. Às mulheres, são rechaçadas e são colocadas como coadjuvantes. Por uma luta de pesquisadores – na maioria, graças a um esforço, mulheres -, a formação tem vindo da força feminina, que sendo estudada, vem sendo descoberta e escrita. Se vê o resultado em diversos livros e também em trabalhos acadêmicos, as mulheres tem mostrado sua força.

Rer e analisar a obra A Escrava Isaura é uma maneira, ainda que romantizada, de verificar a forma como viviam e eram tratados os africanos, seus descendentes, os brasileiros negros, nesse período escravagista aqui no Brasil e na atualidade, ainda notamos resquícios dessas desumanidades nas relações interpessoais com a população negra e descendentes. É importante salientar que o enredo do romance ocorre nos primeiros anos do segundo reinado de D. Pedro II, este durou de 1840 a 1889.

O enredo do romance nos permite ainda a busca e compreensão a respeito das assimetrias de gênero e interseccionalidades, seus conceitos e características na atualidade. E trazer discussões sobre e a o que perdemos com a cultura patriarcal e como a mulher ainda precisa caminhar em busca de seu pertencimento.

[...]o tom velado e melancólico da cantiga parecia gemido sufocado de uma alma solitária e sofredora. As coplas, que cantavam, diziam assim:
Os meus braços estão presos,
A ninguém posso abraçar,
Nem meus lábios, nem meus olhos
Não podem de amor falar;

Deu-me Deus um coração
Somente para penar. (GUIMARÃES, 2010, p.8-9).

Nos capítulos seguintes, abordaremos a participação e inclusão do gênero feminino nas camadas sociais que perpassa pelo poder econômico, pelo casamento como dominação sexual do homem sobre a mulher, pelo poder patriarcal sobre o corpo e controle da mulher, e em busca de desejos de igualdade, no anseio da não perpetuação dessas assimetrias e interseccionalidades entre gêneros.

Para Del Priore (2020, p.13), “Durante muitos anos acreditou-se que a desigualdade entre os gêneros fosse algo normal, natural. A sujeição das mulheres sempre foi tida e reconhecida como coisa normal”. Esses discursos foram sustentados por inúmeras fontes legitimadas de produção de verdade, como a família, a Igreja, a escola, entre outras instituições sociais que deslegitimam e controlam a subjetividade feminina.

Por longo período na história, as mulheres foram as mais prejudicadas pela imposição das políticas racistas e misóginas do país. Nas mais diversas áreas essa desigualdade se mostra dentro dos espaços de poder.

De acordo com os dados do Fórum Econômico Mundial, em 2019 o Brasil ocupava a 92ª posição no ranking que mede a igualdade entre homens e mulheres em 153 países, e tem uma das maiores desigualdades de gênero na América Latina. As mulheres no Brasil estão sub-representadas tanto no mercado de trabalho como na política, têm a remuneração menor, sofrem mais assédio e são vilipendiadas, tornando-se as mais vulneráveis ao desemprego ou subempregos domésticos, sem a devida valorização salarial.

O coletivo não deve estar apenas num contexto, mas incorporado em valores sociais e se manter com criticidade no posicionamento da realidade não só do indivíduo, mas de um coletivo de mulheres, de grupos de pessoas, que os invisíveis tenham seu legado de destaque e com este estudo, se pretende somar vozes e com um aceno por renovações de ações que possamos repensar além das fronteiras que temos como mulher, com novas visões e oportunidades.

Pelas várias leituras feministas, como Bell Hooks, Kimberle Crenshaw, Jaqueline Gomes de Jesus entre outros, as mulheres tiveram que criar seus espaços, transgredindo para transformar, e assim faremos com nossa liberdade. Esse transgredir é, em parte, metafórico, pois as lutas das mulheres sempre representaram e representarão para uma sociedade machista e patriarcal, uma transgressão.

A pesquisa em questão embasa em fundamentação teórica e bibliográfica, tendo como base as articulações e as críticas das feministas, permutando a subjetividade das diversas autoras e autores elencados nesse capítulo, trazendo as diversas práticas discursivas da atemporalidade das discussões, e como demonstra essas práticas discursivas, o romance traz a relação dessas com a interseccionalidade que vive a protagonista, e como essas práticas são absorvidas nas subjetividades das mulheres, como se dá no âmago familiar hegemônico do século XIX, onde as normas impostas pela burguesia e seu núcleo tratavam as mulheres e as mulheres negras, e no decorrer da leitura do romance, vê-se uma versão fragilizada da mulher, da maternidade, e as normas imposta pela burguesia familiar.

É necessário que as práticas discursivas de subjetivação sejam discutidas para o entendimento e compreensão de uma liberdade não vista no romance estudado. Esse entendimento se traz nas reflexões a respeito das assimetrias de gênero e interseccionalidade, e tais reflexões interpelam-me, em alguns momentos falar em primeira pessoa, não teria como escrever sobre tais subjetivações, interseccionalidades e assimetrias na Obra sem que a me visualizasse no contexto em análise.

Os conceitos e seus aspectos na atualidade, principalmente quanto ao gênero, racismo e sexismo, na obra de autoria de Bernardo Guimarães, que traz em seu eixo, a narrativa de uma escrava branca, filha de uma escrava negra.

3 A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA COMO FORMA DE REFLETIR SOBRE EQUALIZAÇÃO DE GÊNERO E RAÇA NOS DIAS ATUAIS

A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que ela não tenha seus problemas nem ao menos nomeados. E não se pensa em saídas emancipatórias para problemas que nem sequer foram ditos (Djamila Ribeiro).

A escolha da obra decorre do fato de se verificar sua relevância no contexto na história da Literatura Brasileira e também de entendê-la como importante viés para a leitura da linguagem literária e contextualização do século XIX.

A obra é um romance regionalista de conteúdo abolicionista, a estória da escrava branca é polêmica desde o momento em que foi lançada. Vale ressaltar que a abolição da escravatura só foi assinada, de fato, em 1888.

O livro é narrado em terceira pessoa, e o narrador trilha entre a onisciência e a observação. A Escrava Isaura faz parte do romantismo brasileiro.

Para dar o enfoque ao romantismo brasileiro, se tem a considerar esse movimento a submissão aos movimentos românticos da Europa. A literatura romântica tinha a pretensão de ser popular, libertária. Não deixando de lado que o conservadorismo continuou firme. O movimento romântico refletiu por vezes aos ecos dos otimistas e triunfantes, como em Guimarães, (2010, p.72) “[...] tinha ódio a todo os privilégios e distinções sociais, e é escusado dizer que era liberal, republicano e quase socialista. Com tais ideias Álvaro não podiam deixar de ser abolicionista exaltado[...]”.

A burguesia que ascendia socialmente era desencorajada ao abolicionismo. O romantismo permanecia distante do proletariado, mas manteve os pobres como recorrente da poesia e dos autores românticos.

O Romantismo foi o principal movimento do final do século XVIII e início do século XIX.

A alegre vida dos cafés, cantantes e dançantes, dos restaurantes, dos teatros e das confeitarias modificou o cotidiano da mulher carioca. Paulatinamente, esta ganhou o mundo do lazer, ao mesmo tempo em que começava a se inserir no mundo do trabalho... (MENEZES, 1992, p.25-26).

O Romantismo como movimento espalhou-se pela Europa e pelas então colônias, tais quais o Brasil. A importância da estética romântica para o momento histórico se deu com a chegada da Família Real e a reclassificação do território nacional, deixando de ser uma colônia de exploração e, passando a intitular-se Reino Unido a Portugal. Para a análise e interpretação dos textos, será utilizada a técnica de análise de conteúdo, que consiste em: leitura exaustiva do material para identificação das ideias centrais, interpretação dos sentidos de tais ideias, e redação das sínteses interpretativas do tema, alcançados pela disparidade de gênero. O trabalho será organizado com pesquisas bibliográficas, teóricos e históricos.

Cosson acerca da literatura (2014, p.32), “no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos”.

Em *A Escrava Isaura*, a protagonista faz-se exprimir no discurso da mulher no século XIX, por ter uma formação acurada, tocava piano, falava francês, e era miscigenada, mas ainda escrava. Essa mulher que tinha voz, apesar de retratar tais mulheres, porquanto não representava seus pares, as escravas. Essas viviam em situação de cativas, não possuíam nenhuma formação, tinham vidas miseráveis.

- Qual minha gente! – ponderou a velha crioula – tudo é cativo. Quem teve a desgraça de nascer cativo de um mau senhor, dê por aqui, dê por acolá, há de penar sempre. Cativo é má sina, não foi Deus que botou no mundo semelhante coisa[.]. (GUIMARÃES, 2010, p.43).

Isaura nasceu sob o atributo da estética literária denominada Romantismo. Ela sofre com os estigmas de uma sociedade patriarcal, e a subserviência imposta as mulheres, às oitocentistas que não eram visíveis, ao menos a sua maioria, pois as ricas e brancas ainda tinham com alguma frequência algum poder e prestígio social.

Isaura uma escrava, sendo propriedade de Leôncio, sofre com a sua situação de subserviência.

“- Isaura! – murmurou Leôncio com voz meiga e comovida. -Senhor! – respondeu a escrava erguendo-se sobressaltada; depois murmurou tristemente dentro d’alma: - Meu Deus! É ele! É chegada a hora do suplicio.” (GUIMARÃES, 2010, p.50).

Com a chegada dos navios negreiros no século XVI trazendo mão de obra escrava para o Brasil, para o desenvolvimento econômico, normatizando a exploração e duração é considerado uma das maiores tragédias da história da humanidade. O Brasil não foi o único país da América a aceitar o sistema escravista. Também a escravidão afro-americana possuiu um importante papel no capitalismo mundial.

No decorrer de alguns séculos foi o negro escravizado que construiu com seus braços fortes, a imensa diversidade de artigos vendidos na Europa, e com isso enriqueceu as classes dominantes do Brasil. Segundo Munanga et Gomes (2006, p.66) “Podemos afirmar que, sem o trabalho escravo, certamente a história teria acontecido de uma outra maneira.”

A partir do final do século XIX começa uma participação mais ativa do sexo feminino na sociedade, a consolidação do sistema político constitucional e a modernização do país. Era de interesse da Coroa que a promoção da condição feminina se adequasse aos padrões europeus, com ressalvas, claro. Houve algumas alterações, modelando os parâmetros dessa condição social das mulheres, começa um tempo de modernidade.

[...] É noite e a formosa Veneza da América do Sul, coroada de um diadema de luzes, parece surgir dos braços do oceano..., [...]em uma das principais ruas nota-se um edifício esplendidamente iluminado, para onde concorre grande número de cavalheiros e damas das mais distintas e opulentas classe[...]. (GUIMARÃES, 2010, p.64).

Também nesse período há um avanço feminino na área de trabalho. As mulheres professoras constituíam uma parcela significativa do magistério, por meados da implantação da República, esse contingente era bastante significativo, e alguns autores, defendiam que as mulheres solteiras e viúvas, pudessem entrar no mercado de trabalho.

Podemos vislumbrar aqui, numa perspectiva histórica, um momento de igualdade de oportunidades das mulheres, em se tratando da educação e do cotidiano feminino, na segunda metade do Oitocentos.

Começa um trilhar de novos rumos, que podem se considerar fundantes do pensamento atual. Pois num cenário de análise dos papéis sexuais se busca saber como o feminismo tem se estruturado, a partir da mudança do papel da mulher na sociedade brasileira, nessa segunda metade do século XIX – não obstante lentamente, a mulher começa a trilhar novos rumos.

Na Figura 1 abaixo, uma entre tantas de grande relevância de Debret (18 de abril de 1768 - 28 de junho de 1848), retrata as relações entre as senhas suas mucamas e seus escravos. Essas relações serviram de intercâmbio entre as classes e seus descendentes. O que seria intimidade entre escravos e seus senhores, se fez incorporarem suas culturas, permitindo aos escravos criarem hábitos, comportamentos e a religião dos europeus.

Figura 1: Une dame Brésiliense das son interieur. Lê dinner. Jean Baptista Debret (litografia de 1834-39)



Fonte: Nascente, 2022.

Esses intercâmbios entre essas culturas, a partir de alguns momentos se tornaram uma ameaça para o branco educado, a educação de negros e mulatos passa a ser uma ameaça.

Sobre a ameaça citada acima, acontecia devido à resistência negra depois da abolição. Após essa, o país ainda viveu o ranço escravista. A vigente situação dos escravizados para negros libertos, não era aceita pela sociedade.

O extenuante trabalho, o cotidiano e a relação dos tempos atuais de nossa sociedade e como o racismo foi sendo construído e as raízes brasileiras e o processo de miscigenação.

Processo esse que derivou a colonização, relatando sobre o nativo, o europeu e o africano escravizado conhecendo a importância e participação de cada um na formação cultural do Brasil.

Os brasileiros descendentes dos negros africanos, vieram para o Brasil pelo tráfico negreiro. Por sua dimensão o tráfico dos negros, é considerado uma das maiores calamidades na história da humanidade. Foram retirados, arrancados milhões de homens e mulheres de suas raízes.

No livro *Para entender o Negro no Brasil de Hoje*, os autores afirmam [mesmo tendo alguns de seus pares que discordam] “Sendo os europeus os maiores responsáveis pela travessia transatlântico, pelo qual 40 a 100 milhões de africanos foram proscritos para a Europa e América.” (MUNANGA et GOMES, 2006, p.18).

Em nosso entendimento, o papel de inferioridade nas relações de poder nas sociedades ocidentais foi visto como reflexo de uma realidade colonialista, vista como desempenhos distintos entre os sexos masculino e feminino.

Na comercialização, os escravos eram tão explorados que morriam de forma prematura devido à brutalidade com que eram tratados e ao peso do serviço a executar nas lavouras e nas minas. Quando chegavam ao Brasil, eram levados às feiras para serem vendidos de acordo com suas características para cada tipo de trabalho e, eles eram desembarcados principalmente no Rio de Janeiro, a cidade da corte. (JESUS, 2015, p.16).

No Romance percebe-se que o narrador é antiescravista e também se mostra contra as injustiças da lei e das imposições sociais que permitem a opressão do mais forte sobre o mais fraco. O papel inferiorizado das mulheres e mulheres negras na sociedade, permitiu que a relação de poder criasse entre as camadas de classes uma discrepância, hoje adotada como assimetria de gênero.

Muitas vezes se questiona quem se é, para onde se vai, tais perguntas são feitas para conhecer outras realidades. Não se consegue todas as respostas, pois as realidades são complexas, mas certo mesmo é que se precisa conhecer a história e a cultura de vários povos. Embora o Brasil já fosse ocupado e já existisse um pertencimento pelos indígenas, a história demonstra que foram os portugueses que o descobriram e tomaram posse. Tornando assim seus domínios para além da Europa.

“Os europeus tinham questionamentos sobre seus recém-descobertos, queriam saber se os índios eram bestas (animais, sem racionalidade e alma) ou seres humanos como os europeus”. (MUNANGA et GOMES,2006, p.13).

As especulações em torno desses recém-descobertos foram travadas entre grupos religiosos e cientistas entre os séculos XV e XVII, na Europa.

Urgente e necessário é pensar nas assimetrias entre homens e mulheres, entre negros e brancos, e interseccionalidade na sociedade, não é fácil. Mas é pressuroso.

Assim vemos em Guimarães a conversa entre a protagonista e o irmão de Malvina, Henrique.

Henrique:- Isaura! Para que tanta crueldade! ... Escuta – disse o moço lançando o braço ao pescoço de Isaura.

Isaura:- Senhor Henrique! – gritou ela esquivando-se ao abraço. – Por quem é, deixe-me em paz!

Henrique:- Por piedade, Isaura! – insistiu o rapaz continuando a querer abraçá-la. – oh! ... Não fales tão alto! ... Um beijo.... Um beijo só, e já te deixo... (GUIMARÃES, 2010, p.23).

No trecho acima já se demonstra o poder do ser, a alienação em que as mulheres se tornam subjetivadas e que a realidade do patriarcado se desenha e se repete na atualidade. Esse ranço de exploração sexual e do corpus está arraigada a um processo cultural e de colonialidade, recaindo sobre os ombros da sociedade atual a necessidade de uma construção de práticas de relações de mundo que vão para além do Estado. Essa construção abarca todos, uma vez que ela está em todos os lugares.

Para tanto, ao falar de uma construção de um sistema de gênero em pleno século XIX, se remete a divisão entre os mundos com fronteiras muito rígidas para as mulheres, a saber, a esfera pública e a privada. A que correspondia a privada, era do âmbito familiar, porquanto da pública correspondia para além da casa. Ressaltando que a esfera pública, raramente se dispunha sobre as mulheres.

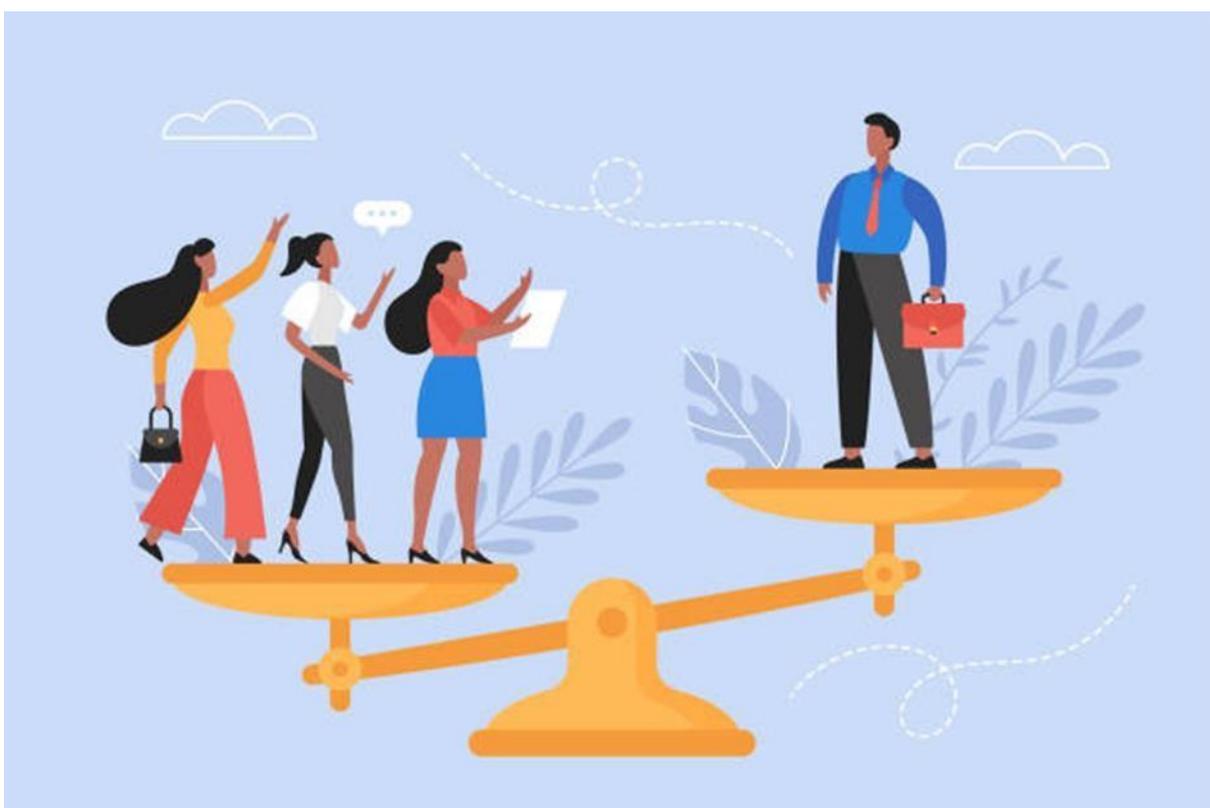
Na atualidade a conceituação de gênero se dá pelo conjunto dos aspectos sociais da sexualidade, um conjunto de comportamentos e de valores das identidades subjetivas de homens e mulheres.

Uma demonstração de que não é possível as mulheres serem tratadas como cidadãs de segunda classe, como fica claro na figura abaixo, é sustentada pelo Instituto Contínua, nas pesquisas em que são maioria, e segundo a PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua -2019), o número de

mulheres no Brasil é superior ao de homens. A população brasileira é composta por 48,2% de homens e 51,8% de mulheres.

Na figura 2 abaixo uma demonstração de que as mulheres estão na condição de coadjuvantes, se percebe a lacuna entre a questão de gênero, fomentando em um reordenamento das classes dos padrões sociais e culturais dominantes.

Figura 2: Desigualdade de gênero



Fonte: istockphoto, 2023.

A mulher que vive em um país em desenvolvimento, muito possivelmente, tem um futuro com melhores oportunidades que tiveram seus pais, seus avós. Tanto são os aspectos que já melhoraram para as mulheres neste século. Diferentemente do enredo da obra, as adolescentes estão em maior número na escola do que antes de suas mães e avós. Há uma melhora na qualidade de vida. Sem dúvida há uma expectativa melhor de vida. E na imagem acima é mostrado o contraditório, não devendo em pleno século XXI ter motivos para essa disparidade de gênero.

Nessa pesquisa a reflexão se percebe após os longos anos de injustiça social, sobretudo quanto às mulheres, e nos perguntamos se o passado já foi suficientemente reexaminado e sobre qual papel podemos assumir perante esses novos tempos e ante

a conjuntura atual. Como formadores de opinião e estudiosos das culturas não é possível compactuar com atos discriminatórios, quais sejam, de gênero, étnicas, entre outras.

- Leôncio - [...]tua irmã não tem dessas veleidades, e é ela quem mais gosta de que Isaura seja vista e admirada por todos. E tem razão; Isaura é como um traste de luxo, que deve estar sempre exposto no salão. Queria que eu mandasse para a cozinha os meus espelhos de Veneza? ... (GUIMARÃES, 2010, p.20).

Essa situação inferiorizada da mulher demonstra a necessidade da mudança de paradigmas tanto cultural quanto histórico. As causas que contribuem para que as mulheres sigam em desvantagem não podem ser vistas de forma apartada.

Ora, se as mulheres são maioria no país, e por pouco, a mundial³, não deveriam ser tratadas com desigualdade, ou pelo menos com mais igualdade e não como cidadãs de segunda classe. Segundo Fernandes (2019), “no Brasil Colônia, de acordo com as leis portuguesas, o sexo feminino fazia parte do imbecilitus sexus, ou sexo imbecil, uma categoria à qual pertenciam mulheres, crianças e doentes mentais.”

“Bem se lembrara o infeliz pai de dar denúncia do fato as autoridades, implorando a proteção das leis em favor de sua filha Isaura para que não fosse vítima das violências e sevícias de seu dissoluto e brutal senhor. [...] – não se meta em tal; as autoridades nada têm que ver com o que se passa no interior da casa dos ricos. Onde já se viu o pobre ter razão contra o rico, o fraco contra o forte?” (GUIMARÃES, 2010, p.80).

A discriminação baseada no gênero é incessantemente perpassada por outras, sobretudo abarcando raça, classe e gênero. E essas relações entre as diversas formas de opressão compõem a interseccionalidade. Para tratar das subjetivações, interseccionalidades e das assimetrias de gênero a partir do século XIX, precisamos entender que as mulheres sempre tiveram seus direitos subjugados e de acordo com algumas vozes como Hooks Bell, que impacta com o feminismo negro; Crenshaw Kimberle, sobre os Estudos Feministas, e Munanga e Gomes que escrevem sobre os negros, entre outros.

³ Pesquisas da Rede Social Educativa Brainly realizadas, no ano de 2017, existiam 3.634.090.148 de mulheres no mundo, um pouco menos do que a quantidade de homens no planeta, que equivalem a 3.689.097.309 indivíduos. Na América do Sul essa proporção muda um pouco, existindo mais mulheres do que homens.

Como ciência, a antropologia possibilita entre outras que suas teorias arcaicas, sejam interpretações hoje de compreensões para uma nova realidade. A questão da diversidade sempre foi presente no mundo, e na atualidade de forma intensa nas sociedades modernas. O que se difere é a maneira como são constituídas.

Abaixo, na figura 3, uma fazenda sendo visitada e os escravos cuidando das crianças brancas e de suas senhoras, demonstra uma vida de desigualdade e submissão, numa visão onde mulheres dos Oitocentos vivem a interseccionalidade de si mesmas, ainda que o termo não tivesse sido cunhado.

Figura 3: Visita a uma fazenda⁴



Fonte: abril, 2015.

O movimento feminista na América advém de grupo hegemônico, e no nosso entendimento o Movimento era apenas de empoderamento hegemônico, e de acordo com Hooks Bell (2000, p.194,), “[...] ignorou a existência de todas as mulheres não brancas e das brancas pobres.”

⁴ DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1989 (Coleção Reconquista do Brasil. 3ª Série Especial, vol.10, 11 e 12).

A citação acima demonstra uma realidade onde, apesar de pertencer ao grupo de mulheres hegemônicas, não tinham as mesmas condições sociais, em sua maioria as brancas privilegiadas tinham preocupações merecedoras de certas transformações, uma vez que as brancas pobres não eram portadoras de privilégios que as libertassem do trabalho doméstico para que pudessem acessar as academias e profissões das mulheres brancas ricas.

As mulheres estão ainda trilhando um caminho árduo para as conquistas de seus espaços, muitas vezes são desumanizadas, ficando reféns das interseccionalidades, como a estrutural e outra política. Perceber que havia uma formação dos sistemas de gênero no Oitocentos é entender que havia um limiar cujas bordas eram rígidas para as mulheres: de âmbito privada e a pública. Como já exemplificada nos capítulos abaixo, como política essas bordas não recobriam a divisão dos sexos, pois o público era – principalmente no político e no econômico – reservados aos homens; quanto às mulheres, só restavam as limitações dos seus afazeres domésticos e no papel que desempenhavam como mães e esposas.

No campo político a invisibilidade das mulheres era ainda mais evidente, pois as mesmas não tinham representação jurídica. Ou seja, as mulheres não eram donas de si mesmas e nem tinham direitos.

3.1 Intersecções de Gênero e Raça na Representação Literária da Personagem Isaura

O imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe reconhecer que as mulheres negras são intelectuais (Conceição Evaristo).

Em a Escrava Isaura, se percebe que a literatura não é essencialmente uma função do meio ou uma fuga. Nem tampouco protesto panfletário contra preconceitos. Vê-se em muitas artes literárias algumas tensões das raças, como é explícito no romance abolicionista do corpus dessa análise. Nesse sentido, para que uma sociedade seja justa, é imprescindível “o respeito pelos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas modalidades e em todos os níveis é um direito humano inalienável” (CANDIDO, 1989, p. 126). Na obra ficcional em questão, a protagonista

é demonstrada como podendo ser a típica representante da sociedade da época, culta, mulher branca, mas não se pertence. Isaura não tem a noção do pertencimento, no romance ela não luta pela abolição da escravidão, sendo essa sua condição. Tendo seu pai como homem branco, e sendo branca, e recebendo educação, talvez Isaura não tenha se dado conta que sua liberdade precisasse que ela, se imbuísse de seu pertencimento.

Faltou na protagonista não apenas o sentimento de pertencimento, mas de alteridade, e aqui tecemos uma crítica ao comportamento da mesma,

[...], se a fixidez é um signo da diferença cultural histórica e racial no discurso do colonialismo, estamos, no caso brasileiro, diante de múltiplos significados em uma combinatória de termos que apontam para novas formas de construção de alteridades. Pode-se dizer, inclusive, que, [...] na mesma medida em que traduzem hierarquias sociais, tais marcadores repõem ambivalências, próprias ao contexto e à manipulação dos indivíduos que se auto classificam. Afinal, a cor indica um lugar socialmente reconhecível e pré-estabelecido, mas passível, quiçá, de transformações [...]. O tema da cor parecer [...] acondicionar elementos socioeconômicos, regionais e estéticos, mas também interpretativos, acusatórios [...] e estéticos; sempre diacríticos⁵, (grifo nosso).” (SCHWARCZ, 2019. pp. 9;50).

O conceito sociológico do termo interseccionalidade traz a preocupação com as interações e marcadores sociais nas vidas das minorias. Através dele é possível enxergar que em nessa sociedade existem vários sistemas de opressão – as de raça ou etnia, classe social, capacidade física, localização geográfica, entre outras, que se relacionam entre si, se sobrepõem e demonstram que o racismo, o sexismo e as estruturas patriarcais são inseparáveis e tendem a discriminar e excluir indivíduos ou grupos de diferentes formas.

Segundo Woodward et Hall (2009, p.41), “[...] a marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação.”

A nomeação para interseccionalidade foi trazido por Kimberlé Crenshaw no final da década de 1980. No Brasil tem sido popularizado nos últimos anos pelas múltiplas vozes do feminismo negro, esse conceito sociológico já era uma realidade no século passado, apesar de estar sendo cunhado como um conceito atual. Sua formulação se apresenta embasada na importância do contexto de raça e gênero.

⁵ Grego diakritikós, -ê, -ón, penetrante, perfurante, que separa ou distingue, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://dicionario.priberam.org/> consultado em 03-02-2023.

Se demonstra que a marcação da diferença já era uma situação vivida pelas mulheres principalmente, pois nesse texto a mulher branca também passava pela opressão desta definição social.

[...]a Europa não só exportava para o Brasil produtos, capitais e colonos, como também mulheres, (as chamadas polacas e as cocotes francesas, entre outras) para a produção do prazer. Ao longo do século XIX, especialmente a partir dos anos 1850, chegaram à corte 'cáfens e prostitutas, agentes e objetos' de um desumano comércio que se expandia à medida que o capitalismo se irradiava pelos demais continentes, a despeito da apologia da liberdade no trabalho. (MENEZES,1992, p.31).

Conforme citação acima, inclusive no romance *Em Guimarães*, (2010, p.20) “[...]e tem razão; Isaura é como um traste de luxo, que deve estar sempre exposto no salão.” Vê-se que através dos séculos, a mulher sempre foi considerada um objeto, que fazia parte das posses, como se fosse bens imóveis. As mulheres não passavam de um molde como belas peças de tesouro, sendo novamente escondida nas mais profundas covas de suas moradas, se assim fosse necessário.

Fica claro que a mulher, fosse ela escrava ou não, era vista como um abjeto, tendo de se sujeitar a subordinação, e aos mais baixos e tristes adjetivos.

No recorte acima vislumbra-se o conceito segundo o pensamento de Kimberle Crenshaw que sendo Isaura objetificada ela passa ser oprimida pelos múltiplos sistemas de dominação e posicionamento social, a intersecção passa a estigmatizar sobre classe e sexualidade.

Essa abjeção, e que Butler(1993) descreve na tentativa de questionar e repensar os próprios termos que garantem legitimidade simbólica e inteligibilidade se refere à escrava, aquela a que levou Leôncio a demonstrar as formas de deslegitimação, e opressão de gênero, como em Ribeiro (2020, p.79), que diz que falar de “racismo, opressão de gênero, [...], a tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva, porque aí se está confrontando o poder.”

O devasso, o libertino, o algoz, apresenta-se altivo e arrogante, tendo a seu favor a lei, e a autoridade, o direito e a força, lança a garra sobre a presa, que é objeto de sua cobiça ou de seu ódio, e pode fruí-la ou esmagá-la a seu talante, [...]. Assim, por uma estranha aberração, vemos a lei armando o vício e decependo os braços à virtude. [...], Isaura que é objeto de sua cobiça ou de seu ódio, e pode fruí-la ou esmagá-la a seu talante... (GUIMARÃES, 2010, p.124-125).

A mulher no enredo do romance já era mostrada com o conceito de interseccionalidade, demonstrando as diversas formas desses marcadores sociais e as práticas de subjetivação sobre as assimetrias de gênero e interseccionalidades diz como se pode tratar e dissolver esses sentimentos para que possa com esses trazer questões sobre um assunto que não sendo abordado e trabalhado pode não ter a perspectiva sobre uma realidade das mulheres como coletivo.

No romance do *corpus*, o racismo apresentado de forma que por sua personagem principal tendo a pele branca, remete ao formato bem desenhado das interseccionalidades de sexo, raça, e principalmente quanto ao sentimento patriarcal, que mesmo em pleno século XXI ainda é vivenciado com as mortes de mulheres que não se submetem às demonstrações de autoritarismo, homofobias, todo tipo de tirania demonstrada no romance, todas as negras, miscigenadas, brancas, entre outras etnias.

Como demonstrado na passagem, Guimarães (2010, p.60) “[...] – Afetos! ... Quem fala aqui em afetos?! Podes acaso dispor deles? ... - Não, por certo, meu senhor; o coração é livre; ninguém pode escraviza-lo, nem o próprio dono.”

A voz feminina transformou de uma simples ambição de se ouvir em espaços públicos, para se fazer presente no universo cultural e social, modelando a imagem e função de cada sexo,

[...] a inconformidade de geração de mulheres, que se recusaram a ficar no silêncio em que as excluía de uma participação política, de uma condenação social, fez-se com que essas adentrassem no território masculino, ainda que em passos incertos. (OLIVEIRA, 1999, p.32).

Ainda em conformidade com Oliveira, (1999, p.30) “Para o homem, a mulher é, antes de mais nada, a outra, um outro, muito mais que a parceira; [...] a fronteira intransponível que separa fazeres e saberes de homens e mulheres.”

No Romance fica claro que as mulheres são dirigidas pelos homens. Nos Oitocentos o patriarcalismo lhe confere ao longo da vida três fases, sendo o primeiro como filhas e obrigatoriamente, virgens; o segundo como esposas, tendo como principal dever gerar herdeiros; e o terceiro e último como viúvas, restituídas a uma vida de reclusão.

De novo, as mulheres na condição de coadjuvantes. Ainda hoje as mulheres permanecem num anonimato camuflado com um pseudo sentimento de liberdade, que não nos permite como em Isaura ir a busca desse sentimento, e ao reordenamento interseccional. Ainda que as mulheres sejam maioria no Brasil e no mundo, há a questão da falta de pertencimento, onde não se pode ultrapassar certos limites, o sexismo, a cultura patriarcal está tão imbuída em nossas camadas que as mulheres, são sujeitas aos domínios do macho que as tem como propriedade ainda no século XXI.

Ainda que algumas mulheres tenham conquistados um status quo de empoderamento, se percebe que esse não é plural. O empoderamento não abrange um grupo, apenas o indivíduo. Percebe então porque as mulheres conquistam pouco em comparação ao que se deseja. Poucas mulheres empoderadas.

A pesquisa se dá com a protagonista da Obra, Isaura que representava, diante do conceito de patriarcado, o modelo de relações de poder, e como esse conceito social imbuído no gênero feminino, trouxe para as mulheres na atualidade a condição das assimetrias de gênero e interseccionalidade.

Partir sem ter um ente a quem apertar nos braços na hora da despedida, nem ter um seio onde verter as lágrimas da mais pungente saudade; partir para levar uma vida errante e fugitiva, sem esperança nem consolação alguma, através de mil trabalhos e perigos, para terminá-la talvez entre os tormentos da mais atroz escravidão, Oh! Isto era pavoroso! – e, entretanto, era esse o único futuro que a pobre Isaura tinha diante dos olhos. (GUIMARÃES, 2010, p.86).

A formação da vulnerabilidade essencialmente feminina, solidifica o sistema patriarcal ao colocar as mulheres num nível rebaixado e frágil, cuja a imobilidade é característica marcante.

Aqui não se pode deixar de dizer que no Brasil é preciso que haja comoção social para que se reveja ou se mexa nas Leis.

[...]virada dos anos 80 para os 90, os sequestros dos empresários Abílio Diniz e Roberto Medina forçaram a criação da Lei de Crimes Hediondos, que enumera os crimes que não são passíveis de fiança e que torna mais difícil a progressão da pena (a maior parte da pena deve ser cumprida em regime fechado, na prisão). A lei seria endurecida em resposta ao assassinato da atriz Daniela Perez e, depois, à morte do menino João Hélio Fernandes, num roubo de carro. (WESTIN, 2013, p.13).

Imprescindível citar que foi preciso um grande abalo popular para que se criasse uma lei que viesse a proteger as mulheres, sejam de que raça ou etnias fossem. A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006 – BRASIL 2006) que declara que a violência doméstica contra a mulher é crime e demonstra as formas de evitar, enfrentar e punir a agressão. Também designa a responsabilidade que cada órgão público tem para socorrer e ajudar a mulher que está sofrendo a violência.

A lei surgiu exatamente pela comoção popular por Maria da Penha, vítima de seu marido,

[...] O marido de Maria da Penha protagonizou o exemplo mais acabado da permissividade das leis, da debilidade do sistema judiciário e da força do machismo. As tentativas de homicídio ocorreram em 1983. A sentença de prisão só saiu em 1991. Em razão de recursos judiciais, nem sequer chegou a ser preso. A condenação decidida pelo júri foi anulada por supostas falhas no processo. Em 1996, ele voltou a ser julgado e condenado. Uma vez mais, as apelações o mantiveram livre, como se jamais houvesse perpetrado crime nenhum. Sentindo-se abandonada pela Justiça, a farmacêutica decidiu narrar seu drama na autobiografia *Sobrevivi... Posso Contar* (editora Armazém da Cultura). O livro caiu nas mãos de duas entidades de defesa dos direitos humanos, que em 1998 lhe propuseram denunciar o descaso do Brasil à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, em Washington. Maria da Penha topou. (WESTIN, 2013, p.1).

A lei cumpre determinações estabelecidas pela Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, da Organização dos Estados Americanos (OEA), aprovada em Belém em 1994 e promulgada pelo Brasil em 1996, por meio do Decreto 1.973. A Lei n. 11.340/2006 estabelece as formas de violência doméstica contra a mulher como física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, leva o nome de Maria da Penha como uma forma de reparação simbólica depois de tantos anos de omissão do Estado brasileiro e de impunidade do seu agressor. Ela também representa o acesso à justiça e foi criada para garantir os direitos de milhares de mulheres vítimas de violência no País.

Em 2015 foi sancionada pela Presidente da República Dilma Rousseff a Lei do Femicídio LEI Nº 13.104, DE 9 DE MARÇO DE 2015, que trata do assassinato de mulheres resultante de violência doméstica ou discriminação de gênero. A Lei torna o feminicídio um homicídio que o coloca na lista de crimes hediondos, com penas de 12 a 30 anos. A nova legislação considera condições do sexo feminino quando o crime envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

“O feminicídio é a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante.” Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre violência contra a Mulher, 2013.

Mulheres que já eram conhecidas intelectualmente, muitas vezes na condição de anonimato ou com um nome até masculino, já conseguiam expor suas ideias quanto ao papel feminino na sociedade, para levar seus escritos intelectuais entre os leitores do século XIX, expondo suas ideias.

Uma das maiores forças de emancipação e progresso está em nosso poder: a educação da mulher e do homem. Dela, para que seja intelectualmente igual, e para que sua vontade se discipline. Dele, para que se acostume a pensar que mulher não é brinquedo para o distrair; para que olhando sua esposa, suas irmãs, e lembrando de sua mãe, compreenda e se compenetre da dignidade da mulher. (LUTZ, 1919, p.19).

A perspectiva da protagonista não está longe da realidade das muitas mulheres da atualidade. As bibliografias pesquisadas e a serem, se referem e referirão à condição de sobrevivência, de relação de poder, de trabalho, e da formação familiar, dentro de uma época onde o preconceito e a violência de gênero era e em alguns espaços ainda o é, formalmente aceitável, deve ser investigada e analisada dentro do contexto das mulheres do século XIX à atualidade, como no capítulo abaixo.

3.2 A Obra: A Escrava Isaura e Reflexões sobre Assimetrias de Gênero na Sociedade Contemporânea

*A gente é de carne, osso e coração
E, além disso, histórias não contadas
Obstáculos gigantes
A gente carrega na veia
As histórias das nossas ancestrais
E essas raízes*

*Estão cheias de dor
Mas alguns capítulos têm sorrisos bordados com fios de ouro
(...)*

*(excerto de um poema de **Isadora Silva**, poetiza negra, disponível em sua página pessoal em <https://instagram.com/akambapoetica> Acesso em 2 de junho de 2023).*

Os sistemas discriminatórios como o racismo, patriarcado e a opressão de classe criam desigualdades básicas que permitem a estruturação de opressões de dominação e discriminação social.

Em Guimarães (2010, p.17), “[...] não a tornava impertinente, vaidosa ou arrogante nem mesmo para com seus parceiros de cativeiro. [...] era sempre alegre e boa com os escravos, dócil e submissa com os senhores”.

A Escrava Isaura é pertencente ao período da literatura romântica, aborda a estória de Isaura, mulher de traços branco, mas filha de uma escrava negra com um português. Seus pais, Juliana escrava negra, e Miguel era trabalhador livre, da fazenda romanceada em Campo de Goytacazes no interior do Rio de Janeiro, A Escrava Isaura, do escritor Bernardo Guimarães, e a narrativa se dá na segunda metade do século XIX, na época do reinado de D. Pedro II

[...]Quanto às que tinham esperanças ao amor de Álvaro – e não eram poucas -, essas exultaram de júbilo ao saberem do caso, o nobre mancebo apaixonado por uma escrava.
- O que me diz do escravo da escrava? – diziam elas. – Com que cara não ficaria o pobre homem! ...
- Com a mesma. Decerto vai forrá-la e casar com ela. Aquilo é um maluco capaz de todas as asneiras.
- E que mau! Terá ao mesmo tempo mulher e talvez uma boa cozinheira.
(GUIMARÃES, 2010, p.102).

A protagonista ficou órfã de mãe logo cedo, mas como sua genitora trabalhava na casa de sua senhora, a mulher do comendador, Isaura ficou sendo a criada da casa com um tratamento diferenciado, mesmo sendo uma escrava. Torna-se necessário destacar que o tratamento diferenciado só existia porque ela fora criada pela esposa do comendador com todos os cuidados dispensados a uma branca, mas era uma escrava cativa, condição que ela suportava.

[...], todavia, enquanto Malvina se conservava em casa, era sempre uma salvaguarda, que amparava Isaura contra as importunações e brutais

tentativas de Leôncio. [...] em que ficou aquela pobre alma quando viu partir sua senhora, deixando-a inteiramente ao desamparo, entregue sem defesa aos insanos e bárbaros caprichos daquele que era seu senhor, amante e algoz ao mesmo tempo. (GUIMARÃES, 2010, p.56).

Ainda no século XXI há uma visão romantizada da escravidão quando comparada com outros países. É urgente que se supere essa visão, precisa lembrar que toda forma de racismo é perversa, e segundo Munanga et Gomes (2006, p.59) “[...] sendo assim, qualquer conjunto de ideias e práticas que considere um grupo racial superior e outro inferior deve ser combatido.”

Segundo a indagação de Munanga et Gomes, (2006, p.11), “o Brasil, o que é afinal?” Remete imediatamente a questão das identidades, diferenças e práticas políticas, onde as ancoragens dessas identidades como família, trabalho e de grupos vivenciam uma crise dessas mesmas identidades.

Notamos que a questão das assimetrias de gênero na atualidade ainda se dá pela pouca preocupação em ter as mulheres não como parceiras nas diversas áreas de trabalho e social, mas as têm como uma lacuna a ser preenchida por ocasião de uma situação. Como por exemplo, na política os partidos são obrigados (grifo nosso) a cederem 30% de seu percentual para as mulheres.

Não fosse a Lei 13.165/2015, criada em 29 de setembro de 2015, também conhecida como Lei da Participação Feminina na Política, as mulheres não teriam nem esse mínimo espaço, o que na realidade, esse percentual é preenchido como um grande favor às mulheres, mas não é verdadeiramente destinado como com os homens.

As mulheres estão em maior número nos bancos escolares, estão se capacitando mais que os homens, inclusive nas áreas onde o gênero masculino é maioria, na construção civil, e nas áreas de educação. Então se indaga: por que encontramos tão poucas mulheres brancas e negras nos espaços de poder? Por que não tem o mesmo reconhecimento dado aos homens?

Se percebe que a situação é um pouco mais complicada do que parece. Em parte, essa distinção acontece por culpa das próprias mulheres, que se sentem ainda intimidadas por culpa da cultura patriarcal e machista imbuída nas mulheres desde tenra idade.

Havia nascido em casa uma escrevinha, que desde o berço atraiu por sua graça, gentileza e vivacidade toda a atenção e solicitude da boa velha. Isaura

era filha de uma linda mulata, que fora por muito tempo a mucama favorita e a criada fiel da esposa do comendador. Este, que como homem libidinoso e sem escrúpulos olhas as escravas como um serrallo à sua disposição (GUIMARÃES, 2010, p.15).

Até o início do século XX, pelos anos de 1980 o título acadêmico não era uma exigência para o mercado de trabalho, o valor estava na força do trabalho, se a mulher fosse uma boa trabalhadora, já era parte do caminho ganho, pois era necessário saber fazer, ser boa naquilo que era encaminhada a fazer.

Destacamos aqui um adendo que a Lei 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira/LDB (BRASIL, 1996) contempla que é a Educação de Jovens e Adultos e Idosos, EJA⁶, a qual oportunizou a muitas brasileiras a retomarem os estudos, já em idade avançada, pois no século XX, mais ou menos a partir dos anos 1980 começou a exigência no mercado de trabalho para uma qualificação profissional acadêmica. A perspectiva do cidadão brasileiro ampliou a idade prevista e a inclusão de idosos na seara educacional é um alargamento de possibilidades do exercício de cidadania no país.

Com a exigência retrógrada, as mulheres ficavam em casa para os maridos, seus homens irem para as academias conseguirem seus diplomas. As mulheres mais uma vez, dando seus espaços para os homens. E assim também com a protagonista do enredo do corpus de nossa pesquisa, claro que no viés diferente, pois Isaura não era mulher liberta, porém essas começavam a traçar caminhos para deixarem de ser apêndices de seus cônjuges.

E nesse contexto não se pode ser concebida com um olhar inseparável dos aspectos interseccionais de classe, raça, etnia e gênero. As desconformidades entre as relações sociais que marcam a sociedade e a antropologia possibilitam, entre outras, que suas teorias arcaicas sejam interpretações hoje de compreensões para uma nova realidade.

Em O Subalterno não pode falar (Spivak, 2010, p. 126) “não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu[...].”

⁶ O propósito nesta pesquisa é concordar com a tendência de várias secretarias de educação no país no sentido de atualizarem a sigla para que a nomenclatura EJA passe a ser chamada EJAI – como é o exemplo que ocorre no município de Maceió/AL em que a partir da resolução nº 03/2016 do Conselho Municipal de Educação – COMED –, por incluir os idosos nessa modalidade de ensino.

A afirmação do autor acima evidencia uma perspectiva mundial, apesar de no aspecto interior algumas reivindicações têm demonstrado que o lugar da mulher está sendo construído de acordo com suas culturas locais.

Percebemos que Spivak (2010) ao descrever o subalterno na cultura indiana, tem uma observação muito rigorosa dos gêneros, pela própria cultura e apesar das interdições europeias e atuais, a cultura indiana da qual faz parte o autor, os estigmas e as interseccionalidades estão tão arraigadas que se torna quase impossível uma transformação social da equidade de gênero na cultura, não deixando condição de equiparação com a cultura ocidental, dificultando inclusive as comparações entre culturas.

Isaura, vivia uma vida de grande tristeza, e mesmo tendo a pele branca, levava a dor da escravidão. Sua vida diferenciada dos escravos não a fazia se sentir menos negra que os demais, muito pelo contrário, por vezes achavam que as negras da fazenda tinham mais sorte que ela.

[...]Desd'o berço respirando
Os ares da escravidão,
Como semente lançada
Em terra de maldição,
A vida passo chorando
Minha triste condição. [...]
(GUIMARÃES, 2010, p.8).

Fica claro pelos versos da estrofe acima, que a personagem tinha uma vida de grande tristeza, e essa narrativa nos mostra sobre como em circunstâncias adversas podemos coisificar o ser humano.

Conforme Agambem (2009), “[...]o homem contemporâneo foi expropriado da experiência, tornando-se incapaz de fazer e transmitir experiência, de elaborá-la, o que torna insuportável a existência cotidiana.” Ainda em Agambem,

[...]diferente da palavra — e do seu significado inscrito nos dicionários gramaticais —, se preocupa aqui com o conceito. Contrariando o que mais comumente se pensa, aquele que adere sem atritos ao seu próprio tempo, sentindo-se em harmonia total com ele e com seus elementos, não poderia ser contemporâneo (AGAMBEM, 2009, p.11).

É com o conceito de intempestividade de Nietzsche que Agambem (2009) começa a delimitar sua concepção.

Entende-se que Nietzsche, não se adequando perfeitamente a seu tempo, o filósofo poderia melhor compreendê-lo. Perpassando pela lógica do filósofo, se pode ver a contemporaneidade como uma ação de que precisa do olhar do outro para se fazer com que o olhar do outro traga elementos que a nós mesmos não enxergamos, mas o olhar não é alheio, apenas uma característica que conhece os elementos nele envolvidos.

Prossegue Agambem (2009, p.59) dizendo, com a “ajuda de *Osip Mandel'stam*⁷, que o contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar em seu próprio tempo, para nele enxergar não as luzes, mas sua escuridão.”

A não capacidade de neutralizar as luzes de um tempo e enxergar as suas trevas, com a consciência de serem elas partes indissociáveis de um passado, presente e futuro. Discorrendo sobre as dificuldades vividas pelas mulheres, advindo de um modelo patriarcal e machista, e no trecho acima, se sugere uma brecha para a reflexão de uma questão contribuindo para uma mudança dessa realidade atual, nesse sentido, perceber que o escuro, aqui pode não ser a escuridão de uma época, onde essa escuridão não é passiva.

É atual e que se propõe contemporânea como a disparidade social causada pela interseccionalidade entre gêneros demonstrada em *A Escrava Isaura*.

O amor que acontece com Álvaro e Isaura é um amor romântico, esse romantismo aproxima, pelo coração, pessoas que estão em ambientes opostos na escala social. Ele é branco, rico e detém o poder econômico e político; ela é uma escrava fugida. Esse é o caminho para talvez Isaura conseguir sua liberdade. Sozinha Isaura não consegue se enxergar como indivíduo, apenas como o objeto de desejos e serviços de seu senhor.

Esse é o destino limitado atribuído às mulheres oitocentistas, nas últimas décadas do século XIX. Na figura 4 abaixo, demonstra o que a sociedade oitocentista esperava do papel social da mulher, que a mesma fora criada para ser mãe, a maternidade não seria opção, mas um destino compulsório, a mulher deveria ser dócil, servil, doméstica e companheira, um apêndice do homem⁸.

⁷ Em 1923, Osip Mandel'stam escreve uma poesia que se intitula “O século”, mas a palavra russa vek significa também “época”.

⁸ Alusão metafórica à narrativa bíblica de que a primeira mulher foi criada da costela do primeiro homem.

Figura 4: A imagem idealizada da mulher no século XIX⁹



Fonte: Pintura de Eugenio Zampighi (Séc. XIX).

Entretanto, mediante essa submissão predestinada ao feminino, no início da década de 1880, há uma luz para as mulheres, anunciam-se inúmeros colégios femininos, intitulados “Collegio para meninas”, tem destaques o nome de suas donas, tratadas como Madames.

Nos primeiros indícios do movimento feminista as mulheres precisaram criar um território onde pudessem transgredir, sair da sujeição, deixando a clausura, e indo em busca de uma igualdade, caminhando em direção da ciência, participando das academias como egressas, pois somente em meados do século XIX, as mulheres no Brasil puderam então, ser educadas em escolas indo em busca de uma existência.

Um editorial do jornal Getulino (Getulino,1923, p.1) definia o papel social da mulher: “a mulher foi criada para mãe, para doce companheira do homem, e nesse sentido, a sua constituição física e moral é para o completo desenvolvimento dessa missão”.

⁹ <https://rainhastragicas.com/2018/01/28/a-rainha-do-lar-e-a-mulher-da-vida-a-construcao-das-imagens-femininas-no-seculo-xix> acessado em 27 nov.2022.

Na medida em que se propagava uma concepção de família de modelo patriarcal, o machismo ficava mais explícito, a família é a união do varão e a esposa com seus filhos, debaixo do governo do varão.

Conforme a transcrição acima, há a necessidade de transformações no conceito de família, na época, ainda não havia a movimentação urgente para uma transformação familiar. O homem é inserido na família ou por nascimento, ou por adoção, e nela manifesta por meio de suas experiências a sua personalidade.

O autor ter construído uma personagem como Isaura, sendo uma escrava de pele branca, ainda no período do império, principalmente quando a maioria absoluta de escravizados era de negros, é de se supor que essa personagem se negra fosse, provavelmente não teria a leitura acolhida pela burguesia.

Isso demonstra o quanto era forte a discriminação pela cor da pele, pois quem entre esses leria ou aceitaria uma personagem principal como sendo uma negra.

[...]. Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça, alva[...], Isaura cantando uma música triste. Diz Malvina: Não de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. (GUIMARÃES, 2010, p.9).

Os sistemas simbólicos ajudam a experienciar essas desigualdades sociais e estigmatizam as identidades. Segundo Hall (2009, p.19) “A discussão sobre identidades sugere a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas, por exemplo, em circunstâncias econômicas e sociais cambiantes.”

O pensamento feminista viabiliza as diferentes maneiras de estudar a literatura brasileira por meio de concepções como as das assimetrias de gênero e das interseccionalidades. Neste sentido, se insere neste trabalho a procura por analisar reprodução de assimetrias destas construções teóricas, em a Escrava Isaura, pesquisando as dificuldades percorridas pelas vidas negras, e a compreensão que se tem sobre nosso eu.

Hall, em seu *Da Diáspora a Identidade e Mediações Culturais* (2003), os termos como identidade e subjetividade por vezes são empregados de forma permutáveis, pois os termos constituem as concepções de “quem somos nós”.

Na cultura do colonizador os sujeitos são, de algum modo suggestionados a se construir pelos discursos da subjetividade onde eles próprios, devem se posicionarem como o espelho de seus recrutadores, identificando com as identidades,

e se posicionar e constituir uma existência de contradições, e dentro de um sistema de classificação, marcar como componente-chave a construção de uma cultura que proporcione os meios pelos quais se dá sentido a um mundo que constrói seus significados.

[...] Posto que lhe coubesse em sorte uma linda e excelente mulher, ele não havia casado por amor, sentimento esse a que seu coração até ali parecia absolutamente estranho. Casara-se por especulação, [...], sentira por ela apenas paixão, que se ceva no gozo dos prazeres sensuais e com eles se extingue. (GUIMARÃES, 2010, p.19).

Essas construções permitem manter alguma ordem social, e essas construções compartilhadas de tantas significações, é o que se pode entender que não verdade, se está compartilhando cultura.

A separação de pessoas com a globalização adapta e molda identidades em diferentes perspectivas. Sendo o Brasil o maior país da América do Sul, uma das maiores potências econômicas do continente, também caracterizado com grandes contrastes sociais e desigualdades, a começar pela má distribuição de renda. Apesar dessas características, por definição são incompletas.

Nossa realidade é muito complexa, precisamos conhecer muito sobre nosso povo, nossa história e claro, a cultura dos vários povos que contribuíram para a construção desse país, e para a construção da identidade brasileira.

O cenário escravocrata do romance do século XIX, ficam claras as relações entre a escravidão e seus senhores, e por conta das condições de vidas flageladas, a liberdade era desejada por todos. A escravidão mostrava-se como alicerce da colonização, estava em declínio, obsoleta.

Felisberto Augusto da Fonseca (2006) relata,

[...] os protestos abolicionistas surgiam na Europa e nas Américas denunciando o escândalo do mercado de seres humanos. Tornava-se mais evidente que, além do descalabro moral, também em termos econômicos a escravidão era um entrave ao progresso burguês e ao desenvolvimento capitalista industrializado. (FONSECA, 2006, p.24).

No Brasil do século XIX foi problemático para os escravocratas. No decorrer desse século, a exploração de escravos era tão lucrativa para os europeus que poucos tiveram a coragem de se levantarem em defesa dessa mão de obra explorada.

O abolicionismo como tema foi o centro dos debates no período de 1868, uma ala desses centros fundou o partido republicano que, entre suas reivindicações, intentava a substituição do trabalho escravo para o trabalho livre.

Malvina: -[...]Por que razão não libertam esta menina? Dizia ela um dia à sua sogra. –Uma tão boa e interessante criatura não nasceu para ser escrava. Ester: –E também libertá-la para quê? Ela aqui é livre, mais livre do que eu mesma, coitada de mim, que já não tenho gostos na vida nem forças para gozar da liberdade. Quer que eu solte a minha patativa? E se ela [...], e nunca mais acertar a porta da gaiola? [...] (GUIMARÃES 2010, p.18).

Davis Angela (2018, p.63), aborda a importância do estudo da relação entre distintas estruturas de opressão na vida de segmentos discriminados da população – especialmente as mulheres -, expondo o conceito de interseccionalidade a partir do entendimento de que as opressões de raça e gênero são a coluna vertebral da estrutura capitalista nas sociedades escravocratas.

A protagonista Isaura por ser filha de escrava, apesar de essa ser branca, era uma escrava, foi criada pela esposa do coronel dono da fazenda, portanto foi criada como uma dama, representando o ideal romântico da mulher, virgem, angelical, branca. Leôncio, filho do dono da fazenda, tem uma paixão arrasadora por Isaura, o que a faz sofrer ainda mais com suas recusas ao seu senhor.

No caminho de Isaura aparece Álvaro, jovem abolicionista que se apaixona por ela, e começa então a luta de um amor que pode transpor as barreiras das intersecções de raça.

Como subjetivação e interseccionalidades, o racismo é uma das características presentes na obra, ainda que a principal personagem, seja branca. O autor demonstra que, ainda que a escravidão tivesse a maioria dos escravizados negros, a personagem e a realidade se discriminam pela cor da pele, conforme Guimarães (2010, p.60) “[...]eis o proveito que se tira de dar educação a tais criaturas”.

No romance, a cor da personagem principal chama a atenção, pois se ela fosse mais uma negra, o enredo não chamaria a atenção para o racismo. Se bem que nos séculos XVIII e XIX, a subserviência da mulher era tolerada.

A consequência na formação de uma consciência de gênero e raça tem desenvolvido uma construção de um caminho para essas mulheres no Brasil.

Apesar de lenta como demonstram vários escritos, houve uma significativa mudança na educação das mulheres, e como consequência, os discursos de gêneros são modificados, e a partir dos Oitocentos – período histórico das grandes

transformações, oriundas do século XVIII – essas influenciaram o modo de pensar da atualidade. Como demonstrado no capítulo 3 intitulado Liberdade condicional da mulher – um paralelo entre Isaura e as conquistas/desafios do feminismo interseccionado.

As mulheres estão em um caminho sem volta. Estamos mais conscientes do que sentimos e da importância de ocuparmos o espaço antes exclusivos dos homens, Isaura sem o sentimento de pertencimento nos mostra que as mulheres Oitocentistas abriram caminhos para nossas conquistas. Vamos em busca dessas.

4.1 Interseccionalidades do Feminismo com Outras Expressões de Mulheridades

É preciso buscar outros referenciais epistêmicos para que a mulher negra possa existir e falar (Heleine Fernandes de Souza, 2020).

Mediante da epígrafe supracitada, é importante conceber os epistemicídios cometidos ao longo da história da humanidade e, sobretudo, a partir da necropolítica explícita nos últimos anos, cujo objetivo tem sido silenciar vozes, sucumbir corpos, e, sobretudo, reduzir a amplidão do que é ser mulher a uma visão bioessencialista de uma simples genitália e, sobretudo, solapando o seu direito à fala, sucumbindo-lhe o grito por liberdade.

Salienta Kimberle Crenshaw que essas observações demonstram as várias maneiras pelas quais raça e gênero se cruzam para moldar os aspectos estruturais, políticos e representacionais da violência contra as mulheres não-brancas.

Isaura rompe com a sua própria inércia ao ir em busca de uma conexão naquilo que ela acredita ser o distanciamento de classe, ir quebrar as amarras do pré-conceito, embora sem essa percepção de uma luta feminista, e esse rompimento revela um país que mesmo depois de centenas de anos do lançamento da Obra, não reconhece seu próprio povo. Continuam os oprimidos, o índio, o negro, e o criado que tem em si.

Em *A Escrava Isaura* vê-se, que mesmo o autor não apresentados personagens claramente feministas, e a própria Isaura, não conhecendo os pensamentos e comportamentos feministas, já tinha atitudes que resultavam em resistência por sua luta pela liberdade, e indo em sua busca da mesma:

- Vamos, meu pai; que posso rezear? ... Posso acaso ser mais desgraçada do que já sou? ... Isaura, cosendo-se com a sombra do muro, que rodeava o pátio abriu o portão, que dava para o quintal, e desapareceu[...], [...] perdeu de vista a fazenda. [...]. Já são passados, mais de dois meses da fuga de Isaura[...]. (GUIMARÃES, 2010, p. 64).

A interseccionalidade entre raça e gênero, leva ao questionamento das opressões de sexo, classe e raça como sintomas hierarquizantes dos sufocamentos, e as suas reconfigurações para os sistemas de poder. E torna-se importante conhecer

a trajetória do feminismo negro, pois são essas as mais alcançadas pelos sistemas opressores.

Em Hooks Bell (2000, p.207) é demonstrado a incapacidade das feministas privilegiadas, com os diversos grupos de mulheres, porque as feministas não compreendem a inter-relação entre opressão de sexo, raça e classe ou se recusam a levar a sério essa inter-relação. Como demonstrada a opressão da escrava perpassa pela fragilidade que não é compreendida pelo grupo hegemônico, onde:

Transida de horror, compreendeu que um destino implacável a entregava indefesa vítima entre as mãos de seu tenaz e desalmado perseguidor. [...] Um cruel desalento, um pavor mortal apoderou-se de seu espírito, e a infeliz, pálida, desfeita, e como que [...], como a tímida lebre, que vê pairando no céu a asa sinistra do gavião de garras sangrentas. (GUIMARÃES, 2010, p.55).

Na transcrição acima fica demonstrada a fragilidade da mulher no século XIX, porém essa fragilidade não se reflete apenas na dominação sexual, mas nas necessidades de conquistas tais como trabalhos com remuneração e dignidade social.

Ainda se percebe em pleno século XXI, que as mulheres têm encarado muitos desafios para estarem ou inserirem no mercado de trabalho.

Ainda nesse contexto das interseccionalidades possíveis, em que o fator sociocultural do gênero é propulsor, torna-se mister e necessário ressaltar as mulheridades que compõem a sociedade mundial, entre elas, o destaque para as negras, indígenas, africanizadas, ciganas, imigrantes, ribeirinhas, travestis, transexuais, intertextos e outras expressões que se aproximam da identidade de gênero feminina. Tal identidade que destoa do padrão masculino se soma a demais traços que as subalternizam as subjetividades. Nesse sentido, se destaca que:

As pessoas são notadamente discriminadas pela cor da pele, pelo jeito de ser, modo de falar, andar, pela classe social, orientação sexual e outras inúmeras performances que nem sempre seguem um padrão hegemônico. As diferenças de identidade de gênero não binário e dissidências da heteronormatividade e outros fatores preponderantes no quesito do padrão branco, eurocentrado, cristão, cisgênero e heterossexual fazem do Brasil um país campeão em que assassinatos motivados por racismo, homofobia, misoginia, intolerância religiosa e outros preconceitos banais (ARAÚJO Rubra, 2020, p. 2).

Sendo assim, faz-se necessário um feminismo interseccionado que abranja e acolha as diversas expressões de mulheridades existentes nos continentes e que não atendem um padrão de classe, cor, raça, etnia e gênero padronizado. Salta aos olhos

nesse contexto, a pauta do transfeminismo¹², como ponto profícuo de discussões por equalização de direitos e alargamento de vivências de cidadanias diversas, afinal, nosso país apresenta dados de verdadeiros genocídios, devido a agravante e visível misoginia, um fato de que 131 pessoas trans foram assassinadas em 2022, uma média de 11 por mês, segundo relatório anual da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). As vítimas foram 130 mulheres trans/travestis e 1 homem trans. Tal fato deixa claro que quanto mais as vítimas aproximam-se do feminino, mais suscetíveis se tornam para serem violentadas em suas subjetividades.

Desafios esses que são inerentes as questões histórico-culturais e normas sociais tendo como pano de fundo a questão socioeconômico. Esses obstáculos se concretizam na baixa participação dessa coletividade demográfica no mercado de trabalho. Diante dessa situação das mulheres negras as desigualdades de gênero e raça se torna crítica.

Como demonstrado na transcrição abaixo é uma situação preocupante para as mulheres negras. Essas tendem a uma participação menor, e as taxas de desemprego e informalidade são mais altas entre mulheres negras do que em demais grupos demográficos:

No 1º tri de 2022 a taxa de desemprego entre as mulheres negras apresentou uma forte queda em relação ao 1º tri de 2021, mas permaneceu na casa dos dois dígitos (16,3%) e distante dos demais grupos demográficos. Os 16,3% representam mais de 4,1 milhões de mulheres negras desempregadas¹³.

Esse grupo como continua numa posição em que o coletivo está inferiorizado na escala de trabalho, apontando uma condição social inferior. As mulheres suportam um fardo da opressão racista, machista e classista. Segundo Hooks Bell (2000, p.207), “os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres.”

Tais explorações e opressões são realidades dos dias atuais. Não obstante a participação feminina tem crescido. A importância de se conhecer profundamente a complexidade das injustiças sociais, tem levado a sociedade a uma perspectiva

¹² Corroboramos a afirmativa da pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus: o transfeminismo não é um feminismo dissociado dos outros feminismos, é um feminismo como os outros com suas particularidades e diferenças. (2012).

¹³ Fonte: <https://blogdoibre.fgv.br/> acessado em 09/01/2023.

homogênea, levado principalmente a uma mudança de valores e em hábitos que refletem a busca da liberdade.

Percorrer um caminho que ligue brancos, negros, ricos, e pobres, construindo com as gerações futuras um compromisso com a extinção de uma cultura que nos trouxe através dos séculos um sistema de dominação e opressão. Todos temos a obrigação e compromisso de erradicar esses, e nesta pesquisa o racismo, a interseccionalidade e a assimetria foram abordados e demonstrados através da literatura, que a mulher precisa reivindicar seu espaço.

O feminismo nos prova, que nós mulheres não somos inferiores aos homens. E nem precisava desse movimento para isso ficar claro! Tecemos um novo desenho.

Em nossa tessitura cresce de maneira orgulhosa um movimento de igualdade partilhado entre homens e mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi desenvolvida visando o entender da cultura do outro, vivendo uma sociedade mais tolerante, respeitosa. O preconceito racial e de gênero foram os precursores de uma discórdia que ainda é atual, e não é só no Brasil. O país instituiu O Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM) é resultado da I Conferência Nacional de Políticas para as mulheres, e é instituído o Sistema Nacional de Políticas para as Mulheres e o Plano Nacional de Combate à Violência Doméstica. O romance nos faz perceber que a literatura nos traz uma reflexão para além daquilo que é expresso pelo autor. Na obra o autor deixa claro que não é simples a compreensão dos preconceitos racial e de gênero. Por vezes temos que aceitar a cultura diferente daquela que nos é imposta.

Quando do lançamento do PNPM, foi assumido o compromisso de manter o Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres (CNDM), os movimentos de mulheres e feministas, bem como toda a sociedade permanentemente informada sobre a evolução dessa implementação.

Espera-se que esse trabalho possa alcançar o maior número de pessoas, para que se discuta as diversidades, e erradicando o preconceito.

Diante das diversas necessidades e a violência que cercam as mulheres nós fomos em busca de mecanismos que pudessem preservar essas mulheres e promover seu resgate a dignidade humana. Essas pesquisas nos levaram conhecer as diversas Leis, Decretos e convenções que se respeitadas haverá uma significativa mudança de paradigmas em relação as interseccionalidades e assimetria de gêneros.

Dada a enorme violência no Estado do Pará contra as mulheres, foi firmada A Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, “A Convenção de Belém do Pará” (Adotada em Belém do Pará, Brasil, em 9 de junho de 1994, no Vigésimo Quarto Período Ordinário de Sessões da Assembleia Geral), foi implantada, porém é pouco conhecida.

Diz:

[...] RECONHECENDO que o respeito irrestrito aos direitos humanos foi consagrado na Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem e na Declaração Universal dos Direitos Humanos e reafirmado em outros instrumentos internacionais e regionais;

AFIRMANDO que a violência contra a mulher constitui violação dos direitos humanos e liberdades fundamentais e limita total ou parcialmente a observância, gozo e exercício de tais direitos e liberdades;

Artigo 1:

Para os efeitos desta Convenção, entender-se-á por violência contra a mulher qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada. [...]. AFIRMANDO que a violência contra a mulher constitui violação dos direitos humanos e liberdades fundamentais e limita total ou parcialmente a observância, gozo e exercício de tais direitos e liberdades; [...] ¹¹⁴.

Tanto no Brasil quanto no mundo, as culturas nos levam a caminhos que por vezes queremos caminhar, por outras não. Quantas mulheres querem soltar seus ao que as mantêm presas. Partirem em caminhos independentes, o que é corrente para umas pode ser pulseira para outras. A liberdade é simbólica, é abstrata. É como a verdade. Nada é definitivo.

Ao percorrer dessa pesquisa, foram lidos inúmeros livros, revistas, vídeos, filmes, e nesse percorrer percebe que a interseccionalidade é um ciclo geracional, e que se precisa mais que grupos, partidos, é preciso que as mulheres se comprometam consigo e com sua descendência para que esta perceba que não há mais grilhões nos pés, nem chicotes nas costas.

Que não se pode aguardar um lugar de fala. Como mulheres, sejam negras, brancas, ou de outras etnias, o lugar da mulher é aquele em que ela pisa, e caminha no caminho oposto ao que nos foi imposto.

Em *A Escrava Isaura* a mulher é descrita como sem legitimação, as mulheres eram invisíveis. Mas deixamos essa invisibilidade? A resposta é estamos no caminho da visibilidade, estamos tornando possível as conquistas das mulheres dos Oitocentos. Não estamos mais condenadas a viver em guetos. Nossos caminhos para as conquistas estão mais curtos.

Guimarães (2010, p.150) “[...] - Álvaro: - Vem, Isaura não me abandones; só tu podes quebrar estes ferros que me oprimem.”

O Romance traz um resultado positivo no que é tocante ao enriquecimento dos saberes sobre assimetrias de gênero e o racismo, ainda que na época esses termos não eram conhecidos. A busca pelo estudo organizado, embasado em materiais publicados, como livros, revistas, jornais, mídias eletrônicas, e publicados de forma

¹⁴ Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher. “Convenção de Belém do Pará”.

geral que demonstram a capacidade para refletir que aprofundar as reflexões sobre interseccionalidades, e que mesmo sendo pessoas diferentes, somos iguais.

A mulher deve ser e ter seu direito ao exercício com a proteção de todos os direitos humanos, que possa desfrutar da liberdade, do direito de ir e vir. A mulher não pode ser a escolhida como privilégio e troféu de homens que não sabem que a escravidão já se foi, que a mulher não é objeto de sua apreciação, a mulher é sua companheira na caminhada, e se essa caminhada tiver uma bifurcação, ela não merece a morte, a ingratidão da solidão, a tristeza do fim familiar.

Para tanto foi criado em 2002 o Decreto nº4.377, de 13 de setembro de 2002 sobre a Eliminação da Discriminação contra a Mulher, conhecido como CEDAW, na Parte 1,

[...] artigo 1º Para os fins da presente Convenção, a expressão "discriminação contra a mulher" significará toda a distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo e que tenha por objeto ou resultado prejudicar ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher, independentemente de seu estado civil, com base na igualdade do homem e da mulher, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro campo¹²¹⁵.

Esta dissertação nos leva a refletir que Guimarães (2010) em *A Escrava Isaura* não escreve apenas um amor romântico, que em primeira mão todos pensam em uma essência amorosa, com o sofrimento da bela Isaura como personagem central, há a questão do racismo estrutural, a posse como demonstração do patriarcalismo, o racismo, sexismo, e luta de classes. E as pessoas pensando que era apenas um conto de amor. Ah, quem dera!

Quantas mulheres podem chegar aonde querem? Quantas podem chegar na universidade? Quantas podem terminar o ensino médio? E a vida de muitas têm tudo para dar errado. Tendo mãe ausente, abandono parental, abuso pelo parente mais próximo, e muitas são mandadas para longe de casa, para não serem um entrave na relação entre mãe e seus companheiros. Fazendo então parte de mão de obra infantil, sendo entregue ao trabalho aos anos iniciais da adolescência. Sem direitos trabalhistas.

Essas mulheres sem pertencimento fazem parte de grupos subalternizados. A invisibilidade a que são impostas deixa claro que é necessário que se lute e que se

¹⁵ Brasília, 13 de setembro de 2002; Fernando Henrique Cardoso; Osmar Chohfi - 181o da Independência e 114o da República.

fale. As adolescentes que por diversas razões são incentivadas a uma vida destrutiva, pela falta de oportunidades, falta de incentivo para uma vida de progresso e sucesso. Os resultados da pesquisa, por meio da literatura, foram de grande significado, apresentando pontos positivos, mas também pontos negativos.

A saber. Dos pontos positivos, foi que há a necessidade que aumentemos nossos conhecimentos, nossas reflexões no que concerne ao que foi proposto, a indagação das interseccionalidades e assimetrias de gênero. O aprendizado que para construirmos uma sociedade democrática, precisamos erradicar as discriminações, por meio da educação.

A compreensão das reflexões nos torne capazes de compreender e respeitar a realidade do outro, seus direitos e obrigações, finalizando por vivermos uma sociedade com o entendimento da dignidade da pessoa humana.

Dos pontos negativos, a percepção que não nos pertencemos sem que tenhamos que nos libertar de uma cultura patriarcal, retrógada, que é imbuída em profundidade em nossa razão e sustenta o preconceito racial, de classe, e de gênero.

O mal que o patriarcado trouxe não apenas para as mulheres, mas também para as mulheridades, trazendo à tona o mal que as interseccionalidades e assimetrias deixou para a humanidade, e os reflexos tanto na esfera privada como na pública, já exemplificado no capítulo 2. Nossa cultura cultuou e ainda cultua a rivalidade feminina, e vemos isso em Isaura, quando Malvina tomada pelo rancor, obriga a protagonista a casar-se com a hedionda figura do jardineiro. Ou de Rosa, a escravinha que por ciúmes, fazia da vida de Isaura um martírio além do que ela já vivia com seu senhor e dono. Durante décadas, as mulheres cresceram acreditando que eram rivais, competimos umas com as outras por espaço, amor e prestígio.

Na obra vê-se o viés romântico pelo sofrimento da personagem principal Isaura, seu sofrimento, a sua condição de não amar e ser amada, sente-se esse romantismo, mas ao se aprofundar na leitura, a agudeza nos leva a falta de liberdade, e se enxerga o não pertencimento, tanto na vida das mulheres, como nos escravizados.

Isaura não tinha esse sentimento de pertença, sua condição não permitia.

- Anda cá rapariga – disse o feitor voltando-se para Isaura. – De hoje em diante é aqui o teu lugar; esta roda te pertence, e tuas parceiras que te deem tarefa para hoje... Teu senhor assim o quer. Anda lá; olha que isto não é piano, não; é acabar depressa com a tarefa para pegar em outra. Pouca conversa e muito trabalhar...GUIMARÃES (2010, p. 44-45).

No período da Covid-19 houve um agravamento, o que piorou as disparidades de gênero e raça e estabeleceu uma carga pesada principalmente às mulheres Negras. Mas não só dessas mulheres negras, o agravante se deu no contingente feminino. Para além dos empregos remunerados que tinham, estão acumulando com os trabalhos domésticos.

“Mais difícil é a situação das 11 milhões de famílias monoparentais chefiadas por mulheres, que podem não ter ninguém para compartilhar esse trabalho”¹⁶.

A mulher deve saber que o lugar de fala, é o da sororidade, da empatia, e que para a conquista de uma sociedade mais tolerante, é preciso não ter medo de ser mulher. Mas não se pode deixar de querer que uma conquista seja solitária. Nós mulheres devemos caminhar não como rivais, mas pelo caminho oposto.

Notamos que o resgate dessas mulheres em situação de vulnerabilidade, sejam mulheres negras ou mulheres brancas não é só uma questão de boa vontade. Esse resgate se faz necessário para um crescimento de pessoas com capacidade produtiva, com a retomada de sua vida e livrando o Estado desse endividamento social, quase patriarcal, e permitindo a essas mulheres o empoderamento que buscam.

Como mulher que lutou muito, e ainda luta pelo que acredita, é entendido que o momento é agora, há a necessidade de se manifestar de maneira empática, e lutar para que as mulheres não necessitem de assistencialismo. **O assistencialismo só é válido se for temporário** (grifo da mestrandia).

O caminhar feminino é de enfrentamento, esse caminho sempre teve muitas pedras para serem retiradas, viver sem poder tomar decisões, sem direitos respeitados, todas as dificuldades que as mulheres passam e deixam marcas.

Nos rastros de nossos grilhões, as mulheres devem lutar juntas por espaços que eram exclusivamente masculinos. Quando uma de nós é violentada, estuprada, desrespeitada no seu ambiente de trabalho e social, quando é morta, somos todas violentadas, estupradas, desrespeitadas e mortas. Falemos juntas sobre nossas dores, afinal todas nós já fomos vítimas de todo tipo de violência. Vamos falar sobre nós. Nesse cenário sentimos a dor de cada uma. Por anos, décadas, séculos nos mantiveram caladas, precisamos ocupar os espaços tido como masculinos e levarmos

¹⁶ Reproduzido de Ipea, Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015. Disponível em https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raça.

conosco essa geração que está mais consciente de seu pertencimento. E quanto aos homens podem estender seus braços e segurar naquela mão que está a sua frente.

Não seremos mais ignoradas, vamos levantar nossas vozes e levar a quem precisa ouvir. E ouvirão. Porque agora nós somos muitas.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios** - Tradução Vinícius Nicastro Honesko, Associação Brasileira das Editoras Universitárias, editora do Unochapecó Chapecó, 2009. 92 p.
- ALVES, Claudia Tavares. **A voz do narrador no romance polifônico de Dostoiévski** – Revista do Curso de Letras e do mestrado profissional em Letras – PROFLETRAS – UENP – v.5 – 2016 – ed. Claraboia.
- ARAÚJO, Rubra. **A incômoda representabilidade da figurabilidade expulsa abjeta, mas não aniquilada**. In: Revista X, [S.l.], v. 15, n. 4, p. 73-78, sep. 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000 in FONSECA, Felisberto Augusto da.
- BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. **Branços e Negros em São Paulo**. Global Editora. 2008. 304 p.; p.87.
- BRITO, Maria da Conceição Evaristo. **Olhos d'água** – 1. ed. – Rio de Janeiro: Ed.Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. 116 p.
- BROOKSHAW, David. **Raça & Cor na Literatura Brasileira**. Mercado Aberto Editora, 1983.
- BUTTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 992 p.
- CAMINHA NETO, Guimarães José. **A Escrava Isaura: Uma visão multidimensional**. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Teoria da Literatura – Universidade Federal de Pernambuco - 2003. 96 p.
- CANDIDO, Antônio. **Direitos Humanos e literatura**. In: Fester (org.) **Direitos Humanos E...Cjp/Ed. Brasiliense**. 1989.
- CAVALCANTI, C. Marilda; LOPES, Luiz Paulo Moita. (1991) **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, SP v.7. Artigos. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639020>. Acessado em 12 março, 2021.
- CARVALHO, Alexandre Magno Teixeira de. ARTIGO 9, V.1, N.1 (2001) **O PROCESSO DE PRODUÇÃO DISCURSIVA: Uma visão da contribuição de Michel Foucault ao debate epistemológico**. Portal de Publicações da UERJ – instituto de Psicologia p. 62-73.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014. 144p.

CRENSHAW, Kimberle. (2002). **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. Estudos Feministas (1). pp.177-188.

CRENSHAW, Kimberle (2017). **Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas**” de Kimberle Crenshaw—Parte ¼ - 23/12/2017 disponível em <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/mapping-the-margins-intersectionality-identity-politics-and-violence-against-women-of-color-kimberle-crenshaw1.pdf> acessado em 17 de out.2022.

DAVIS, Angela. 2021. Disponível em <https://www.politize.com.br/angela-davis-e-lesia-gonzalez/>, acessado em 23 de jan.2022.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018, 144p: Resenha de: ALBUQUERQUE, Kelly Moreira de. Uma luta constante. Albuquerque – Revista de História. Campo Grande, v. 12, n. 23, p. 204-211, jan. /Jun., 2020. <https://www.resenhacritica.com.br/artes/a-liberdade-e-uma-luta-constante-angela-davis/> acessado em 17 de out.2022.

Figura 1 - DEBRET, Jean Baptiste. - **Une dame Brésiliense das son interieur**. Lê dinner. Jean Baptista Debret (litografia de 1834-39).

Figura 2 - **Desigualdade de Gênero**. -Fonte: <https://www.istockphoto.com/by-getty-images>. Acessado em 09/01/2023.

Figura 3 - DEBRET, Jean Baptiste. - **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1989 (Coleção Reconquista do Brasil. 3a Série Especial, vol.10, 11 e 12).

Figura 4 - **A imagem idealizada da mulher no século XIX**.- <https://rainhastragicas.com/2018/01/28/a-rainha-do-lar-e-a-mulher-da-vida-a-construcao-das-imagens-femininas-no-seculo-xix> acessado em 27 nov.2022. Pintura de Eugenio Zampighi (séc.XIX).

Figura 5 – **Mulheres negras - Atlas da Violência**. O Atlas da Violência é elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Instituto Jones dos Santos Neves. Atlas da Violência 2021 / Ilustrações: Garylandia, Rodrigo Mitsuru, Pedro Fontoura, Wes Araújo, Laerte Souza

Figura 6 – **Desigualdade Racial - Atlas da Violência**. O Atlas da Violência é elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Instituto Jones dos Santos Neves. Atlas da Violência 2021 / Ilustrações: Garylandia, Rodrigo Mitsuru, Pedro Fontoura, Wes Araújo, Laerte Souza.

FERNANDES, Fernanda. **A história da educação feminina**. MultRio, a mídia educativa da cidade. Disponível em

<<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos>>. Acessado em 24 de mar. 2021. Publicado em: 08/03/2019.

FONSECA, Felisberto Augusto da. **Matizes e (pre) conceitos da mulata nas obras: “A Escrava Isaura” e “O Cortiço”** Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado, Tubarão - 2006.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber** – 7.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária.2008 - 221 p.

GUIMARÃES, Bernardo. 2010 - **A Escrava Isaura**. 29. ed. - São Paulo: Ática, 2010. 154 p.

GUIMARÃES, Bernardo. **Vida e Obras**. Academia Brasileira de Letras _____. <https://www.academia.org.br> > acadêmicos > biografia. Acessado em 20 nov.2021.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 136 p.

HALL, Stuart – **Da diáspora: identidades e mediações culturais** / Stuart Hall: Org. Liv Sovik; Tradução: Adelaine La Guardia Resende...et all – Belo Horizonte; Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. 434 p.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista** – 2000, 2ª edição. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Revisão da tradução por Flávia Biroli. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 16. Brasília, janeiro – abril de 2015, pp.193-210.

ISER, Wolfgang. **O Jogo do Texto**. In: JAUSS, Hans Robert et al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.105-118.

JESUS, Jaqueline Gomes de, (org.). **Transfeminismo: teorias & práticas**. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2012.

_____. https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14455/1/2015_wilsonOsmardeJesus_tcc.pdf. Acessado em 23 março de 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2004

LUTZ, Bertha. Revista da Semana. Hemeroteca Digital Brasileira, **Seção Cartas de Mulher**, p.19. Rio de Janeiro:1918.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MENEZES, Lená Medeiros de. **Os estrangeiros e o comércio de prazer nas ruas Rio (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade** – artigo - 621 p. disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007> acessado em 03/03/2022.

MUNANGA, K.; GOMES, L. N. **Para entender o Negro no Brasil de hoje: História, Realidades, Problemas e Caminhos**. 2ª Ed. rev. São Paulo: Global, 2006. 150 p.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. Brasiliense, 1999. 146 p.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de(b). **Elogio da diferença: o feminino emergente**. Brasiliense, 1999. p. 51. Novas Cartas Portuguesas, capítulo II.

PRIORE, Del Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil de 1500 a 2000**. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2020. 256 p.

ROSA, Camila Simões. **A interseccionalidade e suas contribuições para a compreensão do encarceramento de mulheres negras** – Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos, na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos. 2016.

ROSIN, Maíra. **Historiadora e pesquisadora na Universidade de São Paulo (USP)**. Entrevista em 24.set.2009 a Edison Veiga repórter DW Brasil.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: ed. UFMG, 2010, 136p.

SCHKWARCZ, Lilia et KATRI, Moritz. **Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções**. 2019, pp.9,50.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 12ª ed. São Paulo: Atlas, 2015. 146 p.

WESTIN, Ricardo. Jornal do Senado, **Especial Cidadania**, p.13, em 07 jul.2013.

_____. <https://www.institutomariadapenha.org.br/> acessado em 01 de nov. 2022.

_____. <https://www.nascente.com.br/debret/index.html> acessado em 11 de nov. 2022.

_____. <https://noticiapreta.com.br> acessado em 11 de nov.2022 Atlas da Violência.

_____. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03//_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm
Lei Maria da Penha. Acessado em 01 de nov. 2022.

_____. **Lei 13.165/2015** <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13165-29-setembro-2015-781615-norma-pl.html>. Acessado em 01 de nov. 2022.

_____. **Lei 9.394/1996** https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.html. Acessado em 01 de nov. de 2022.

_____.antrabrazil.org **Associação Nacional de Travestis e Transexuais**.
Acessado em 22 fev. 2023.

_____. <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/PNPM.pdf> **Plano Nacional de políticas para as Mulheres**. Acessado em 22 fev. 2023.

_____. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/D9586.htm **Sistema Nacional de Políticas para as Mulheres e o Plano Nacional de Combate à Violência Doméstica**. Acessado em 22 fev. 2023.

_____. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/d1973.htm. “**Convenção de Belém do Pará**”. Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher. Acessado em 13 mar 2023.